

ENCONTROS FORMATIVOS PARA
UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA –
ÁFRICA: CONHECER, RESPEITAR E
DEFENDER



ÁFRICA: CONHECER, RESPEITAR E DEFENDER

ROZÂNIA ALVES MAGALHÃES SILVA

Proposta de Encontros
formativos para uma educação
antirracista



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS VI – CAETITÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE – PPGELS**



PRODUTO EDUCACIONAL

**ENCONTROS FORMATIVOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA –
ÁFRICA: CONHECER, RESPEITAR E DEFENDER**

ROZÂNIA ALVES MAGALHÃES SILVA

Mestranda

ZORAIDE PORTELA SILVA

Orientadora

GLAUBER BARROS ALVES COSTA

Coordenador do PPGELS

**CAETITÉ – BA
2022**

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

ORIGEM DO PRODUTO:

Produto desenvolvido a partir da dissertação intitulada "**A implementação da Lei 10.639/03 no livro didático de Língua Portuguesa: a decolonialidade em foco**", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS, Mestrado Profissional do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI/Caetitê, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

PÚBLICO-ALVO DO PRODUTO:

Professores do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Caetitê-BA.

ÁREA DE CONHECIMENTO:

Língua Portuguesa / Redação / Relações Étnico-Raciais

CATEGORIA DO PRODUTO:

Metodologia; Formação de professores

FINALIDADE DO PRODUTO:

Fomentar o desenvolvimento de propostas de ensino das relações étnico-raciais nas aulas de Língua Portuguesa e Redação promovendo uma base para que os professores percebam a necessidade de incluir estas propostas em seu planejamento.

ORGANIZAÇÃO DO PRODUTO:

Este roteiro do curso de formação para a educação das relações étnico-raciais está organizado em 3 seções fundamentais:

Na primeira seção, encontra-se a apresentação que evidencia os objetivos e proposições desta formação.

Na segunda seção, há a programação dos encontros onde constam o roteiro das atividades e dinâmicas que serão desenvolvidas e respectiva carga horária.

Na terceira seção, o desenvolvimento, são detalhadas as ações a partir do desdobramento de cada atividade. Também há sugestões de leituras e vídeos que podem auxiliar os professores no momento do planejamento.

IDIOMA:

Português

ELABORAÇÃO DO PRODUTO:

Rozânia Alves Magalhães Silva sob a orientação da Profa. Dra. Zoraide Portela Silva.

DIAGRAMAÇÃO E FORMATAÇÃO:

Rozânia Alves Magalhães Silva – rozaniamagalhaes@yahoo.com.br

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	5
<i>Programação dos Encontros</i>	8
<i>Desdobramentos dos Encontros</i>	13
<i>Desenvolvimento</i>	
<i>1º Encontro: Sensibilização</i>	14
<i>2º Encontro: Mobilização</i>	18
<i>3º Encontro: Motivação</i>	24
<i>4º Encontro: (Cri)Ação</i>	33
<i>Recursos</i>	37
<i>Avaliação</i>	38
<i>Saiba mais</i>	39
<i>Considerações Finais</i>	43
<i>Apêndices</i>	45
<i>Anexo</i>	52
<i>Sobre Nós</i>	55

APRESENTAÇÃO

Este produto educacional foi elaborado a partir dos estudos e reflexões proporcionados durante o processo de construção da dissertação "A implementação da Lei 10.639/03 no livro didático de Língua Portuguesa: a decolonialidade em foco", do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus VI/Caetité-BA).

Trata-se da proposta de um Curso de Formação para uma educação antirracista com duração de 20 horas para professores da rede municipal de ensino do município de Caetité, podendo se estender para outros públicos e outros encontros formativos. Nessa primeira turma, o propósito é atender 25 professores.

Alinhado com a Lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – DCN-ERER, o objetivo desta proposta de formação é oferecer aos participantes ferramentas que possibilitem a construção de estratégias para a prática da pedagogia decolonial em suas aulas, além de indicações de textos sobre o tema para leitura e sugestões de material que pode subsidiar a elaboração de propostas que discutem as relações étnico-raciais, exercendo, dessa forma, o protagonismo enquanto educador antirracista e trilhando caminhos para a transformação da sociedade.

As orientações das DCN-ERER (2004), convidam o professor a ressignificar sua prática pedagógica a partir da revisão dos diversos conceitos negativos que se enraizaram na mentalidade de grande parte da população a respeito do povo negro e do continente africano, comprometendo-se com a reconstrução de uma representação positiva perante a sociedade através do resgate e (re)valorização da história e cultura afro-brasileira e africana.

Coadunam com tais perspectivas os movimentos sociais que visam a reparação dos séculos de injustiças e de direitos negados para a população negra, em especial o Movimento Negro, que defende a igualdade e equidade para garantir que a população negra possa conquistar melhores condições de vida e ocupar os espaços de poder na sociedade atuando nas decisões políticas, econômicas, sociais, enfim, nas determinações dos rumos do nosso país.

A ideia inicial para o produto era de desenvolver um manual de orientação para uma educação antirracista que deveria ser entregue para o professor usar quando sentisse necessidade, no entanto, cheguei à conclusão de que o material nesse formato corria o risco de ficar guardado na estante esperando o professor ter um tempo disponível para conhecer as propostas e colocá-las em prática e esse tempo dificilmente surge. Reconheço o quanto a rotina do professor é corrida e as obrigações vão se avolumando e tomando o espaço das leituras e do estudo que também são prioridades.

Então, optei pelo Curso de Formação, pois, através dos encontros, tenho possibilidade de promover os momentos de leitura e de reflexão, além de observar e acompanhar a participação dos professores nas dinâmicas e discussões, garantindo assim atingir não somente o público que proponho, mas se estendendo para os alunos, que serão os maiores beneficiados com a inserção da temática das relações étnico-raciais nas diversas escolas do município. Dessa forma, posso me sentir mais perto dos professores para o *feedback* imediato além de perceber o quanto já estão

cientes a respeito da educação antirracista e o quanto ainda é preciso fazer, por isso a proposta é de encontros formativos, mas com caráter de introdução, com o intuito de plantar a semente e dar suporte para que ela possa crescer.

Proponho a realização de 4 encontros (com duração de 4 horas) tendo como foco uma perspectiva decolonial de educação, incentivando a valorização da história e cultura africanas e afro-brasileiras, em um processo gradativo que compreende as seguintes etapas: **1 sensibilização, 2 mobilização, 3 motivação e 4 (cri)ação.**

No primeiro encontro, intenciono compreender até que ponto os professores já estão conscientes da necessidade de discutir as questões étnico-raciais na educação, realizando dinâmicas e atividades que possibilitam uma visão diagnóstica e também a sensibilização dos participantes para que reconheçam (caso já não o fazem) a persistência do racismo na sociedade e na escola.

No segundo encontro, proponho uma revisão de conceitos a partir de exemplos e de vivências, como colocar-se no lugar do outro, refletir sobre atitudes e expressões que fazem parte do dia a dia e que muitos não têm conhecimento de que são racistas e da percepção do quanto é doloroso vivenciar cotidianamente a discriminação pela cor da pele, cabelo e outros traços.

No terceiro encontro, conheceremos a África por um viés pouco estudado. A partir do tema "África: prazer em conhecer", proponho fazer uma viagem através de vídeos, textos de autores negros e negras, painéis pelas maravilhas do continente africano, valorizando suas potencialidades e conhecendo muitos aspectos desconhecidos ou pouco divulgados, para que os professores possam contextualizar de forma adequada o ensino da história e da cultura africana nas aulas de Língua Portuguesa e Redação no momento do planejamento.

No quarto encontro, enfim é o momento em que os professores vão demonstrar que os objetivos foram alcançados.

Compreendendo como exitosa a sensibilização e a mobilização dos professores com relação ao racismo estrutural que persiste em nossa sociedade e percebendo que a etapa da motivação, a partir da abordagem positiva da África e suas potencialidades, obteve bom resultado, pretendo realizar o último encontro com os professores conscientes de seu papel, no contexto mais restrito de sua sala de aula, e do papel da educação para transformar, no contexto mais amplo, a sociedade desigual e racista, adotando uma postura decolonial.

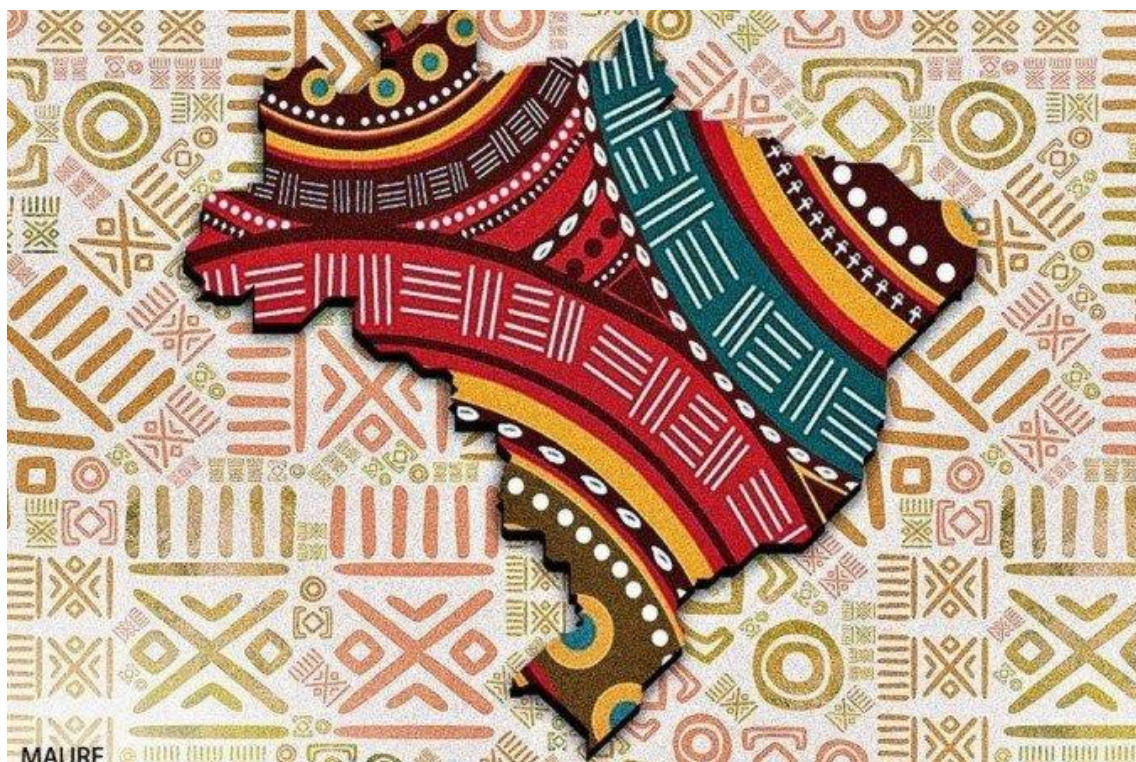
A etapa foi denominada (cri)ação porque os professores vão colocar "a mão na massa", elaborando propostas de atividades que objetivam descolonizar suas aulas de Língua Portuguesa e Redação no município de Caetité através da inserção de textos diversos (poemas, crônicas, contos, letras de músicas etc.) de autores negros (brasileiros e africanos) nas atividades de leitura e interpretação e também de textos jornalísticos (notícias, reportagens, entrevistas e outros) informando, de maneira positiva, sobre projetos, descobertas, ações de pessoas negras brasileiras ou de outras nacionalidades.

Após cada encontro, os professores receberão indicações de textos que deverão ser lidos para discussão no próximo momento.

Sabemos o quanto é importante levar para as aulas de todas as disciplinas o debate sobre o racismo e as consequências que recaem sobre sociedades racistas, a exemplo do atraso do país e da falta de oportunidades para a maioria da população. Essas informações e discussões não podem ser negligenciadas, contudo, acredito

que, na educação básica, também é urgente que sejam acrescentadas temáticas de valorização da África, de conhecimento desse continente em sua grandeza e riqueza cultural e da colaboração da diáspora africana para a expansão e construção dos saberes em todas as partes do mundo. Por isso defendo que os projetos, os planejamentos e as ações devem privilegiar o falar da África com orgulho e respeito para que os jovens sigam levando boas referências para além da sala de aula e ao longo de sua vida.

Por fim, vale ressaltar que, a partir dos resultados obtidos na pesquisa realizada no mestrado e da constatação de que há imensa necessidade de reforçar a representação positiva do povo negro em nossas aulas, uma vez que o livro didático não o faz devidamente, nasceu o anseio de fomentar uma prática decolonial. Primeiramente, empenhando-me para descolonizar conceitos e visões dos professores participantes dos encontros formativos, para depois, já com o domínio do saber necessário, poderem inserir em seu planejamento as propostas de atividades e leituras com o objetivo de desconstruir o racismo no convívio escolar e cumprir a determinação da Lei 10639/03.



MAI RF

Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/05/4926668-25-de-maio-dia-da-africa-celebra-cultura-e-historia-do-continente.html>. (Crédito Maure)



PROGRAMAÇÃO DOS ENCONTROS

PROGRAMAÇÃO

1 SENSIBILIZAÇÃO

- Recepção dos cursistas e apresentação do curso e da mediadora (5min)
- Registro: “O que posso fazer para mudar o mundo?” (15min)
- Dinâmica: “Puxa conversa racismo” (30min)
- Conversa informal: reflexão e sensibilização (5min)
- Leitura do texto “Vamos acertar os passos” - Petronilha Silva (1997) (30min)
- Dinâmica de discussão: “O texto na roda viva” (20min)
- Exibição do vídeo “Desigualdade Racial no Brasil – 2 minutos para entender!” (3min)
- **Intervalo** (20min)
- Exposição de painel “O negro pode estar onde ele quiser?” Parte 1 (10min)
- Exibição do vídeo “Cores e Botas” – Juliana Vicente (16min)
- Exibição das entrevistas “O Movimento Negro nos reeduca” – Nilma Gomes e “Racismo o Crime Perfeito” – Kabengele Munanga (50min)
- Discussão sobre os vídeos – Foco: racismo sutil da sociedade brasileira; mito da democracia racial; racismo estrutural e a questão da igualdade X equidade (25min)
- Reflexão sobre meritocracia / igualdade / equidade através do vídeo “Corrida por \$100 feita de privilégio e desigualdade” (10min)
- Indicação de leitura para o próximo encontro: “‘Você é uma morena muito bonita’: a trajetória textual de um elogio que fere” – Melo e Moita Lopes
- Momentos de conversas informais, individuais e indicações de leituras

CARGA HORÁRIA: 04h

2 MOBILIZAÇÃO

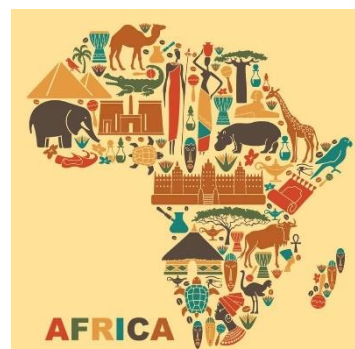
- Recepção dos cursistas (05min)
- Exposição de painel “O negro pode estar onde ele quiser?” Parte 2 (2min)
- Dinâmica: “Fita amarela, sinta ‘na pele’” (15min)
- Dinâmica: “Revisão de conceitos” – Cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário?” (20min)
- Exibição do vídeo “Vamos tirar o racismo do nosso vocabulário?” (04min)
- Discussão sobre o vídeo (05min)
- Exploração do texto “‘Você é uma morena muito bonita’: a trajetória textual de um elogio que fere” – Melo e Moita Lopes (2015), relacionando com o texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” – Lélia Gonzalez (1983) (45min)
- **Intervalo** (20min)
- Culminância da dinâmica: “Fita amarela, sinta ‘na pele’” (20min)
- Exibição do vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança” (04min)

- Reflexão sobre o vídeo (05min)
- Leitura do texto “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação” – Nilma Gomes (2005) (20min)
- Discussão sobre o texto (15min)
- Exibição do vídeo “Dia da Consciência Negra – A Psicologia Antirracista é para todo mundo e se faz conscientizando” (2min)
- Discussão sobre a importância do Dia da Consciência Negra e sobre como devemos planejar as leituras e atividades desse período de forma consistente, sem romantizar ou enfatizar as imagens negativas e estereotipadas dos negros e negras, mas sim priorizar os sentidos das lutas da negritude e a valorização do legado africano e afro-brasileiro (15min)
- Declamação do poema “Sempre preto”, de Alessandra Sampaio
- Discussão sobre o poema (05min)
- Exibição dos vídeos “Precisamos romper com os silêncios” – Djamilia Ribeiro e “Qual o lugar do branco na luta antirracista?” – Lia Vainer Schucman (25min)
- Discussão sobre “Lugar de Fala” (10min)
- Momentos de conversas informais, individuais e indicações de leituras

CARGA HORÁRIA: 04h

3 MOTIVAÇÃO

- Recepção dos cursistas
- Exposição do painel “África: prazer em conhecer!” (15min)
- Reflexão sobre as verdades construídas a respeito do continente africano (5min)
- Exibição do vídeo “África como você nunca viu (especial dia d’África)” (7min)
- Momento de contação de história: Livro “Com qual penteado eu vou?” (9min)
- Discussão: as riquezas e o valor da cultura africana para a humanidade (10min)
- Exibição do vídeo “A África tem História!” (12min)
- Discussão: a história silenciada da África (5min)
- Declamação do poema “Não desiste, negra, não desiste!” – Mel Duarte (5min)
- Formação de grupos para a construção do painel “A África que não nos foi apresentada” (40min)
- **Intervalo** (20min)
- Exposição de painel “O negro pode estar onde ele quiser!” Parte 3 (2min)
- Demonstração dos slides com as pesquisas sobre a África que não nos foi apresentada (20min)
- Exibição do vídeo “Educação Antirracista e a Democracia/No Chão da Escola” (3min)
- Discussão sobre o vídeo (5min)
- Momento “A África de todos nós” – brincadeiras africanas:



- Exibição de vídeos das brincadeiras “Amarelinha Africana Teca Teca original e variações” e “Rayuela africana” (8min)
- Brincando de rayuela com os professores ao som da música “Minue” (10min)
- Momento “Sou negra sim” – declamação de poemas e leitura de textos de autoras negras (10min)
- Música “Sou negro sim” – Eliana de Lima
- Culminância do momento poético com os vídeos: Poema “Seu Nome” – Maria Firmina dos Reis e “Encontrei minhas origens” – Oliveira Silveira (5min)
- Apresentação de algumas autoras negras que precisam ser levadas para as aulas de Língua Portuguesa e Redação: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mel Duarte, Chimamanda Adichie, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva, Aidil Araújo, Miriam Alves, Bárbara Carine (10min)
- Momento “O talento não tem cor”:
- Documentários: “Heróis e heroínas negros na literatura brasileira”; “Conhecendo Museus – Ep. 04: MUSEU AFRO BRASIL” e “Gastronomia africana – Nova África” (35min)
- Discussão e encerramento das atividades (04min)
- Indicação para o próximo encontro: assistir ao documentário “Atlântico Negro”
- Momentos de conversas informais, individuais e indicações de leituras.

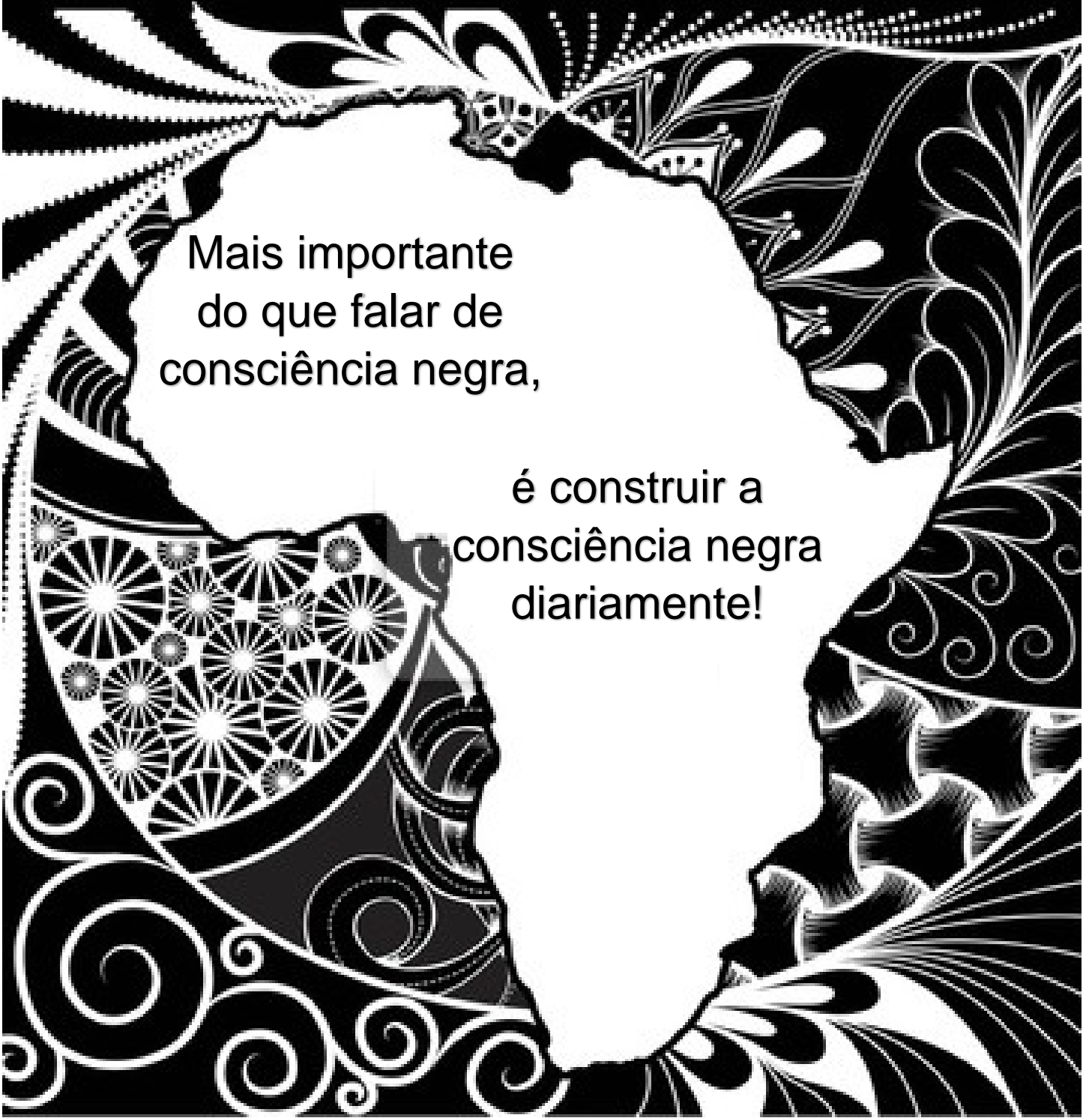
CARGA HORÁRIA: 04h

4 (CRIAÇÃO)

- Recepção dos cursistas (5min)
- Exposição de painel “Monumentos e invenções de pessoas negras”
- Conversa sobre o painel (10min)
- Momento “Em busca de respostas: o desafio do livro didático, como resolver?” (20min)
- Momento “Falando sério – conversa sobre as DCN-ERER” (25min)
- Formação de grupos de 3 pessoas
- Desenvolvimento de um plano de aula (de 50 min) pelos professores cursistas (60min)
- **Intervalo** (20min)
- Apresentação dos planos de aula pelos grupos (60min)
- Montagem de painel: “A educação transforma: o negro pode escolher onde quer estar!” (20min)
- Avaliação dos encontros formativos pelos professores (05min)
- Encerramento das atividades com agradecimentos e entrega das lembrancinhas para todos (15min)

CARGA HORÁRIA: 04h





Mais importante
do que falar de
consciência negra,

é construir a
consciência negra
diariamente!

**DESDOBRAMENTO
DOS ENCONTROS**



DESENVOLVIMENTO

DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES DE CADA ENCONTRO FORMATIVO

1º ENCONTRO: SENSIBILIZAÇÃO

Objetivo:

O objetivo no primeiro momento é identificar se os professores possuem alguma formação, ou conhecimento (ou preocupação, independentemente de ter formação nessa temática) para perceber e/ou intervir em situações que possam configurar discriminação racial, bem como promover a sensibilização a respeito da educação para as relações étnico-raciais.

Estratégias metodológicas e desenvolvimento:

1. Atividade: O que posso fazer para mudar o mundo?

- Cada professor(a) recebe uma folha de papel sulfite, tem uns minutinhos para reflexão e depois escreve algo que acredita que pode fazer para melhorar o mundo, pode ser através de sua prática profissional ou atitudes pessoais, no cotidiano.
- Depois de escrever, coloca seu depoimento em uma caixa (previamente confeccionada para este fim).
- A intenção é observar se os(as) professores(as) consideram que combater o racismo está entre os principais fatores para melhorar o mundo, ou seja, observar se ao menos um professor(a) registrou algo relacionado às questões raciais em seu depoimento¹. A mediadora leva a caixa com os depoimentos, só em outro momento revela essa finalidade e apresenta o resultado.

¹ Proposta baseada no texto “16 perguntas para avaliar como sua escola aborda o racismo” Portal Geledes (<https://www.geledes.org.br/16-perguntas-para-avaliar-como-sua-escola-aborda-o-racismo/>): “No início do ano letivo, cada professor/a deve fazer uma “lista de desejos” que inclua suas propostas de como poderá ajudar a mudar o mundo, entendendo que é instituído a este trabalho a disseminação do **saber** e do **conhecimento** que são ingredientes necessários para a construção e garantia da **Paz**, da valorização da **Diversidade**, da efetivação da **Igualdade** e pelo respeito aos **Direitos** de cada pessoa que está na escola”. Acesso em: 14 jul. 2022.

- Melhorar o mundo pode ser no âmbito geral ou até mesmo em algum aspecto mais específico como melhorar a vida de alguém, de um aluno, algo que pode mudar a vida de alguém que esteja além do ensino de conteúdos, por exemplo.

2. Jogo Puxa Conversa Racismo

- Iniciar a dinâmica “puxa conversa”².

- O jogo “puxa conversa racismo” foi elaborado com o objetivo de proporcionar um bate-papo descontraído, porém atento, com o intuito de observar até que ponto os(as) professores(as) estão sensibilizados com as causas raciais e/ou se tem a percepção de que o racismo ainda existe na sociedade atual.

- A mediadora orienta que vai ser iniciada uma conversa informal a partir das perguntas contidas nas cartas. A conversa será conduzida de modo a estimular a participação levando todos(as) a interagirem de forma significativa e descontraída com a dinâmica. Puxando uma das cartas, dará início à conversa entre os presentes no ambiente, cada um de uma vez responde à pergunta que estiver na carta que for puxada para ele(a). Esta atividade possibilita perceber os conhecimentos já existentes e a importância da atualização para o ensino das relações étnico-raciais.

- As perguntas do jogo encontram-se no APÊNDICE A.

- Após encerramento do jogo, ocorre a mediação de uma conversa para reflexão e sensibilização com relação às questões e às respostas dos(as) professores(as).

3. Leitura do texto “Vamos acertar os passos: referências afro-brasileiras para os sistemas de ensino” – Petronilha Beatriz Goncalves e Silva.

- SILVA, P. B. G e. Vamos acertar os passos: referências afro-brasileiras para os sistemas de ensino. LIMA, I. C.; ROMÃO, J. (org.). **As ideias racistas, os negros e a educação**. Série Pensamento Negro em Educação. n. 1. Florianópolis (SC): Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1997.

- Discussão do texto a partir da dinâmica “O texto na roda viva”. Os(as) professores(as) sentam-se em círculo e uma caixa é colocada no centro da sala contendo fichas com excertos do texto que merecem destaque. Cada professor(a) pega um trecho, lê e comenta sobre ele, a fala é franqueada para quem desejar complementar ou fazer alguma observação ou exemplificar.

² Dinâmica inspirada no jogo “Puxa conversa”, de Paulo Tadeu. É um jogo de cartas nas quais contêm perguntas de acordo com o grupo de participantes do jogo (amigos, família, casal etc), de modo que, à medida que vai tirando as cartas, cada participante deve responder à pergunta que está nela. O objetivo é desenvolver uma roda de conversa em um ambiente descontraído através de perguntas relacionadas a assuntos do cotidiano.

4. Vídeo: “Desigualdade Racial no Brasil”

- Para complementar a discussão do texto, segue a exibição do vídeo “Desigualdade Racial no Brasil – 2 minutos para entender”.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Entenda em 2 minutos o que é a desigualdade social no Brasil, a cada 12 minutos um negro é assassinado. Não para por aí: a cor da sua pele influencia na sua educação, saúde e renda. Segundo o IBGE, negro é aquele que se identifica como preto ou pardo. Veja como estamos longe de sermos iguais em um país onde o preconceito racial atinge mais da metade da população”.

Canal Superinteressante. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>. Acesso em: 20 jul. 2022.

5. Exposição do painel: “O negro pode estar onde ele quiser?” – Parte 1

- Essa exposição de painel para reflexão será desenvolvida em 3 momentos.

- São 3 posters que serão afixados em um tripé. Cada um será exposto em um dia diferente. - No primeiro encontro, expor o 1º poster: um painel com imagens só de pessoas brancas em cargos de diretorias de empresas, imagens de empresários, homens e mulheres, brancos - número menor de mulheres. Apontar os seguintes questionamentos: Você consegue identificar algum erro nessas imagens? Você considera a realidade demonstrada nas imagens como algo natural e comum? Prossegue a conversa de acordo com as respostas e participações.

- No segundo encontro, expor o 2º poster: imagens de empresários e cargos de diretoria - maior parte de brancos, apenas um ou dois negros, nenhuma mulher, preta nem branca. Provocar reflexões a respeito da realidade retratada nas imagens. Espera-se uma interação maior com o objetivo da atividade haja vista que foi iniciada no primeiro encontro.

- No terceiro encontro, imagens de pessoas brancas e negras em cargos de diretoria e executivos em número equivalente. O título já não é mais uma pergunta como os anteriores, mas sim uma afirmação: “O negro pode estar onde ele quiser”. Refletir sobre a sociedade em que vivemos e a sociedade que queremos e sobre o quanto a educação pode contribuir para essa transformação.

6. Vídeo: “Cores e Botas”

- Após a exposição do painel, vamos assistir ao vídeo “Cores e Botas (Colors & Boots)” –

by Juliana Vicente para reforçar o questionamento sobre o negro poder estar onde quiser, através do exemplo de uma criança negra que sonhava em ser Paqueta quando o programa da Xuxa era o maior sucesso entre as crianças.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

História da menina negra que queria ser paqueta.

“Curta-metragem Cores e Botas (2010) escrito e dirigido por Juliana Vicente”. [...]

“Joana tem um sonho comum a muitas meninas dos anos 80: ser Paqueta. Sua família é bem-sucedida e a apoia em seu sonho. Porém, Joana é negra, e nunca se viu uma paqueta negra no programa da Xuxa”. Ganhador de diversos prêmios e festivais.

Canal Pretaportefilmes. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygU0o&t=3s>.

Acesso em: 15 jul. 2022.

7. Entrevistas: “O Movimento Negro nos reeduca” – Nilma Gomes e “Racismo o Crime Perfeito” – Kabengele Munanga

- Discussão sobre os vídeos com as entrevistas e explanação sobre o racismo sutil com o qual convive a sociedade brasileira; sobre o mito da democracia racial e racismo estrutural através de slides.

- Os vídeos precisam ser editados para ficarem em um só e serão feitos alguns cortes, sem comprometer o conteúdo, apenas para ganhar tempo quando for passar.

- Vídeo 1 - Polêmicas Contemporâneas #13 | Nilma Lino Gomes | O Movimento Negro nos reeduca.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“O Movimento Negro nos reeduca’ é o tema do Polêmicas Contemporâneas com Nilma Lino Gomes, pós doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela integra a equipe de pesquisadores do Programa Ações Afirmativas na UFMG e é coordenadora do NERA - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Ações Afirmativas”.

Canal TVEBahia. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUKhznRgDm4&t=65s>.

Acesso em 15 jul. 2022.

- Vídeo 2 - Racismo o Crime Perfeito - Kabengele Munanga.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Entrevista do Polêmicas Contemporâneas com o professor Dr. Kabengele Munanga sobre o tema ‘Racismo o crime perfeito’”.

Canal Tudoeduca. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=guevAesYvsk>. Acesso em:

16 jul. 2022.

8. Vídeo: “Corrida por \$100 feita de privilégio e desigualdade”

- Ao final da explanação, no último slide da discussão anterior, vamos fazer os seguintes questionamentos: Para você o que é igualdade? Tendo em vista o perfil da sociedade brasileira, diversa e desigual, você acredita que garantir a igualdade é a melhor solução para resolver as diferenças? A partir das respostas dos(as) professores(as), convidar a turma para assistir ao vídeo “Corrida por \$100 feita de privilégio e desigualdade” e, depois da exibição, perguntar se pensam da mesma forma. Nesse momento, a mediadora deverá conduzir a discussão para a questão da igualdade X equidade. Encerramento das atividades.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Corrida da sociedade por direito de oportunidade e privilégios iguais”. Uma reflexão sobre meritocracia / igualdade / equidade.

Canal Comece a Pensar. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=L177yGji8eM>.

Acesso em: 18 jul. 2022.

2º ENCONTRO: MOBILIZAÇÃO

Objetivo:

O objetivo desse momento é que os(as) professores(as) possam colocar-se no lugar do outro compreendendo frustrações e sofrimentos que parte da população negra é submetida cotidianamente, provocados por ações, tratamentos, brincadeiras, palavras e expressões que exprimem o racismo disfarçado que persiste na sociedade brasileira, mas que poucos conseguem perceber e muitos não querem ao menos enxergar.

Estratégias metodológicas e desenvolvimento:

1. Dinâmica: Fita amarela, sinta “na pele”

- Logo no início da aula, distribuir fitas de cores variadas para a turma (azul, verde, rosa, amarelo) – de acordo com o número de participantes). Cada participante recebe uma fita e amarra em seu braço, de maneira que fique visível. Retirar as pessoas com as fitas amarelas da sala e combinar secretamente com os que ficaram na sala que, durante esse turno (até o retorno do intervalo), as pessoas com fita amarela não poderão participar de nenhuma atividade e que ninguém deve interagir de nenhuma forma na aula nem responder, caso façam alguma pergunta. Durante esse tempo, a mediadora cria situações em que precisa de ajuda e pede pessoas para se oferecerem, caso alguém de fita amarela se ofereça, deve ser rejeitada substituindo-a por outra com fita de outra cor. A mediadora entrega algumas fichas contendo frases ofensivas (de discriminação)

para os(as) professores(as) irem entregando durante esta dinâmica para os portadores da fita amarela (Frases abaixo).

- Esta dinâmica foi elaborada a partir de duas experiências sobre questões de discriminação e racismo. Primeiramente, foi baseada na experiência da professora e psicóloga Jane Elliott, citada por Gomes (2005), desenvolvida com o objetivo de demonstrar para seus alunos o que é o racismo. A partir desta experiência foi produzido o documentário “Olhos azuis” (1996). A parte das frases entregues para as pessoas com fita amarela foi adaptada a partir da experiência “Ninguém nasce racista. Continue criança” (2016). Esse vídeo e o artigo de Gomes (2005) serão retomados após o intervalo.

- Como a distribuição das cores ocorreu de forma aleatória, como um sorteio, não vai haver sensação de favoritismo por parte dos envolvidos, mesmo sentindo-se tristes durante o processo da dinâmica.

- Documentário: Olhos Azuis / Jane Elliott.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Olhos azuis é um documentário sobre as experiências da professora e socióloga Jane Elliott sobre racismo e discriminação. Acompanhamos a aplicação de um dos workshops da professora sobre racismo para adultos, objetivo é colocar pessoas de olhos azuis na pele de uma pessoa negra por um dia, na verdade, somente por 2 horas... Para isso, ela rotula as pessoas baseando-se apenas na cor de seus olhos, com todos os rótulos negativos e preconceituosos usados tão cotidianamente contra mulheres, negros, homossexuais, pessoas com deficiências físicas e todas aquelas que de alguma forma não participam do padrão de “normalidade” vigente... Um ótimo documentário sobre racismo e discriminação, que evidencia questões importantes como, por exemplo, a construção social do papel do opressor e o quanto essa construção, de certa forma, é coletiva já que depende do silêncio de muitos para existir e se perpetuar”.

Direção: Bertram Verhaag | Roteiro: Jane Elliott | Ano: 1996 | Duração: 1h e 33min.

Canal Filósofando Ciências Humanas em debate. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=XUEAgbLIKeQ>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Frases que serão entregues para as pessoas que ficarem com a fita amarela:

- | | |
|---|--|
| “Eu não gosto de gente de sua cor!” | “Seu cabelo é horrível, parece bombril!” |
| “Por que você não penteia seu cabelo?” | “Eu odeio gente como você, eles fedem.” |
| “Eu tenho medo de pessoas como você.” | “Eu tenho medo de gente da sua cor.” |
| “Eu odeio gente de sua cor.” | “Seu lugar é na selva.” |
| “Você é horrível, não deveria estar aqui.” | |
| “O que você está fazendo aqui? Você deveria estar na prisão!” | |

2. Dinâmica: Revisão de conceitos – Cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário?”

- Entregar para cada professor(a) uma ficha com uma palavra que faz parte da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário?” (ANEXO A).

- Perguntar aos(às) professores(as) se conhecem essas palavras, qual o significado e se conseguem ver algum problema em usar esses termos. Distribuir outra ficha, agora com os conceitos de cada termo de acordo com a cartilha, e pedir para eles(as) encontrarem o conceito que corresponde à palavra que está em suas mãos. Abrir espaço para discussão e cada um(a) lê a palavra com seu respectivo conceito e faz um comentário a respeito (se já sabia sobre essa questão e o que sente agora que ficou sabendo).

- Fomentar a reflexão sobre o uso corriqueiro de termos que, muitas vezes de forma inconsciente, reforçam o racismo e a inferiorização dos negros (até de si próprio, uma vez que muitas pessoas negras não têm conhecimento sobre estas questões por não terem acesso a essas discussões, assim como muitos(as) professores(as) reproduzem tais palavras sem perceberem que estão praticando o racismo linguístico.

- SOBRE A CARTILHA:

PARATODOS (Programa Sesc e Senac de diversidade). **Vamos repensar nosso vocabulário?** Racismo sutil. Fecomércio RS, Sesc, Senac. Nov. 2020.

“Estudos dizem que chegamos a pronunciar 20 mil palavras por dia. Mas você já parou para pensar no significado das palavras do nosso vocabulário? E em quantas vezes reproduzimos, mesmo sem querer, expressões e termos racistas ou que reforçam estereótipos? Nesta cartilha, apresentamos uma série de palavras e expressões que estão no nosso vocabulário cotidiano e que nos fazem reproduzir discursos preconceituosos. Este material, elaborado pelos GTs Humanidades e Para Elas, do Programa Sesc e Senac de diversidade - Para Todos, faz um convite à reflexão e à mudança. Vamos juntos?” (2020, p. 2).

3. Vídeo: “Vamos tirar o racismo do nosso vocabulário?”

– Discussão sobre o vídeo direcionando para a conscientização da necessidade de repensar nossa linguagem e o cuidado de eliminar esses termos de nosso vocabulário e de conscientizar outras pessoas nesse sentido.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“O vocabulário é um dos traços mais fortes da cultura de uma sociedade e é por isso que sabemos que a sociedade brasileira ainda carrega em seu nascimento raízes de origem escravocrata e racista. Palavras que usamos até hoje, às vezes numa brincadeira, ou até mesmo em conversas corriqueiras, são a prova de que limpar as manchas da desigualdade e da discriminação, é uma tarefa árdua e diária. [...]”

Canal Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=p8QJP101660>. Acesso em: 18 jul. 2022.

4. Exploração dos textos “Você é uma morena muito bonita’: a trajetória textual de um elogio que fere” – Melo e Moita Lopes e “Racismo e sexismo na cultura brasileira” – Lélia Gonzalez

- Apresentação de slides destacando trechos significativos dos textos 1 (indicado no encontro anterior) de Glenda C. V de Melo e Luiz Paulo da Moita Lopes (2015), fazendo relações com trechos do texto 2 de Lélia Gonzalez (1983).

MELO, G. C. V. de; MOITA LOPES, L. P. da. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações, v. 54, n. 01, p. 53-78, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-18134345161352>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília: Anpocs, n. 2, p. 223-244, 1983. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

5. Encerramento da dinâmica: Fita amarela, sinta “na pele” relacionando com o vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança”

- Após o retorno do intervalo, a mediadora explica as intenções da realização desta atividade, conforme foi elucidado na atividade inicial. Serão formados 4 grupos de acordo com as cores das fitas. Em 5 minutos, os grupos conversam sobre a experiência vivenciada. Os que ficaram com as fitas azuis, verdes e rosas discutem sobre como se sentiram ao agirem de forma preconceituosa e os que ficaram com a fita amarela discutem sobre a sensação de sofrerem discriminação. Cada grupo elege uma pessoa para relatar as reflexões do seu grupo sobre como se sentiram durante essa experiência. Os outros participantes podem fazer intervenções quando achar conveniente. A mediadora explica o objetivo da atividade, apresenta a experiência da professora Jane Elliott e comenta sobre o documentário “Olhos azuis”. Para finalizar, ilustra a experiência com a exibição do vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança”.

- Vídeo “Ninguém nasce racista. Continue criança”.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

Vídeo exibido no Fantástico (Rede Globo) em 02/07/2016 sobre uma campanha contra o racismo idealizada pelo programa Criança Esperança. “Aprenda a valorizar as nossas diferenças”.

Canal Globoplay/Criança Esperança. Link: <https://globoplay.globo.com/v/5136931/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

6. Leitura do texto “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação” – Nilma Lino Gomes

- Após uma conversa sobre o vídeo apresentado, a mediadora conduz a turma para a leitura do texto “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação”, de Nilma Gomes (2005). Encerrado o tempo da leitura, a mediadora inicia a discussão do texto evidenciando a importância e necessidade da formação para um trabalho mais eficiente voltado para as relações étnico-raciais e para a evidente lacuna quanto à representação dos negros e negras nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

GOMES, N. L. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 143-154.

7. Vídeo: “Dia da Consciência Negra – A Psicologia Antirracista é para todo mundo e se faz conscientizando”

- Para maior elucidação a respeito da importância do dia 20 de Novembro no calendário escolar e da inserção de discussões sobre esta data significativa, será apresentado o vídeo “Dia da Consciência Negra – A Psicologia Antirracista é para todo mundo e se faz conscientizando”.

- Discussão sobre a importância do Dia da Consciência Negra e sobre como devemos planejar as leituras e atividades desse período de forma consistente, sem romantizar ou enfatizar as imagens negativas e estereotipadas dos negros e negras, mas sim priorizar os sentidos das lutas da negritude e a valorização do legado africano e afro-brasileiro.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Numa sociedade racista, não adianta não ser racista, nós devemos ser antirracistas”. Esta afirmação é da professora e filósofa Angela Davis, e ilustra a necessidade de entender que um contexto extremamente desigual como o racismo, exige uma prática cotidiana de compromisso com a construção de uma sociedade igualitária e livre das opressões”. [...] Para uma atuação profissional antirracista, é necessário saber também o histórico da luta e o motivo de hoje ser uma data tão importante para o combate contra o racismo. [...]

Canal – Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mKuYJuMb0Sk>. Acesso em 05 jul. 2022.



FONTE:
<https://www.youtube.com/watch?v=mKuYJuMb0Sk>

8. Poema “Sempre preto”, de Alessandra Sampaio

- Declamação do poema “Sempre preto”, de Alessandra Sampaio.
- Discussão sobre o poema evidenciando que é preciso ser antirracista todos os dias e não só no Dia da Consciência Negra.

Sempre preto

para Fernando Gonzaga

Alessandra Sampaio

para uns
em dezembro
caem os turbantes
as batas, os coloridos
o black, as tranças
ficam as cores neutras
os cabelos alisados
o crespo volta a ser
o rebelde, o indomável

as pessoas se revestem
da pele moreninha, mulata
claramente observando a vida
com olhos de jabuticaba
e de novo o movimento negro
é a discriminação dos vitimizados

para nós
ainda é tempo, é sempre tempo
para enegrecer pensamentos...

SAMPAIO, A. **Transbordando segredos à lua**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

9. Vídeos: “Precisamos romper com os silêncios” – Djamila Ribeiro e “Qual o lugar de fala do branco na luta antirracista?” – Lia Vainer Schuman

- Antes de iniciar os vídeos, perguntar para os(as) professores(as) o que entendem por lugar de fala, provocar reflexão sobre questões, como: Só quem pode falar sobre discriminação racial é a pessoa negra? Direcionar a discussão e apresentar o vídeo.
- Após encerramento do vídeo, conversa sobre “Lugar de Fala”.
- Os vídeos serão editados para ficarem em um só e serão feitos alguns cortes, sem comprometer o conteúdo, apenas para ganhar tempo quando for passar.
- Vídeo 1 – Precisamos romper com os silêncios, de Djamila Ribeiro.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Em uma palestra sobre inclusão social e justiça, Djamila trata de questões como o direito à voz em uma sociedade que se silencia frente às desigualdades. Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo e colunista da revista Carta Capital, Djamila é conhecida pela militância nos movimentos negro e feminista”.

Canal TEDx Talks. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>. Acesso em: 15 jul. 2022.

- Vídeo 2 - Qual o lugar do branco na luta antirracista? de Lia Vainer Schucman.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Lia traz provocações sobre os privilégios simbólicos e materiais da branquitude e nos convida a refletir qual a responsabilidade e o lugar do branco na luta antirracista. Lia Vainer Schucman, é Psicóloga Social e Ativista Antirracista. Doutora em Psicologia Social pela USP com estágio de Doutorado no Centro de Novos Estudos Raciais pela Universidade da Califórnia, traz em sua bagagem dois livros: “Entre o encardido o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo” e “Famílias Interraciais: tensões entre cor e amor”. Atualmente, é Professora na UFSC e pesquisadora de Psicologia e Relações étnico-raciais, e é referência nos estudos sobre Branquitude. No TEDxFloripa, trará algumas provocações sobre “Qual o papel e responsabilidade do branco na luta antirracista” [...]”

Canal TEDx Talks. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=q6tSIHzpFTc>. Acesso em: 15 jul. 2022.

3º ENCONTRO: MOTIVAÇÃO

Objetivo:

O objetivo desse momento é que os(as) professores(as) fortaleçam os conhecimentos sobre os valores e potenciais do povo africano, desmistificando o (pre)conceito historicamente construído sobre a África como local de pobreza e fome e valorizando a diversidade, o conhecimento e cultura africanas a partir da conscientização sobre o legado da África para o mundo.

Dessa forma, conheceremos nessa unidade a África por um viés que é bem provável que poucos viram. Vamos ver muitas maravilhas do continente africano e suas potencialidades para melhor contextualizar o ensino da história e da cultura africana nas aulas de Língua Portuguesa e Redação.

Estratégias metodológicas e desenvolvimento:

1. Painel: “África: prazer em conhecer!”

- A mediadora expõe um painel com imagens de lugares e paisagens pertencentes a países do continente africano, que caracterizam as paisagens, o turismo,

Fonte da imagem: <https://www.youtube.com/watch?v=8pgkhKUa7Jg>



arquitetura, o desenvolvimento (conhecimento, tecnologia, economia) e também questões sociais (pobreza, fome). Expor o painel em um local estratégico.

- Distribuir uma ficha para cada professor(a) com nomes diversos de países e continentes. Os professores devem se aproximar do painel e relacionar cada imagem com um dos lugares especificados na ficha. As imagens dos lugares não possuem legenda de identificação, cada um tem um número que deverá ser usado para corresponder ao país ou continente que o(a) professor(a) julgar que ele faz parte. As fichas não precisam ter identificação. Quando terminarem de preencher, os(as) professores(as) trocam suas folhas.

- Em seguida, a mediadora mostra slides com os nomes dos lugares que estão escritos nas fichas. Vai lendo cada nome e perguntando se alguém relacionou alguma imagem a este local, os(as) professores(as) vão falar o número que está na foto de cada lugar. Vai anotando quantos fizeram relação com cada lugar no slide. No final, teremos informação sobre a quantidade e quais lugares foram mais indicados pelas belas paisagens, pelo conhecimento, pelo desenvolvimento retratado nas imagens.

- Um provável resultado é de que tais imagens sejam relacionadas com o continente europeu ou americano (EUA, por exemplo) e que as imagens que serão mais atribuídas ao continente africano serão as de savanas, desertos, as de fome e de pobreza. Após verificar os resultados, a mediadora faz a apresentação das imagens nos slides, localizando cada uma. À medida em que vai apresentando-as, cada professor observa a ficha que está em suas mãos. A mediadora mostra os lugares falando um pouco sobre eles (características e especificidades de cada um). Todas as imagens são lugares que pertencem ao continente africano.

- Provocar uma reflexão sobre o preconceito existente em relação à África. Aproveitar para falar sobre as riquezas e belezas desse grandioso continente, lembrando que, ao contrário do que muitos pensam, a África não é um país, mas um continente como todos os outros com suas especificidades e modos de vida próprios.

2. Vídeo: “África como você nunca viu (especial dia d’África)”

- Exibição do vídeo e discussão sobre as riquezas e o valor da cultura africana para toda a humanidade.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Os lugares mais bonitos de África, o lado rico da África, a felicidade se ser africano. Tudo isso a mídia esconde, parece que nós africanos estamos sempre sofrendo. Por isso hoje, 25 de MAIO de 2019, decidi fazer essa linda homenagem ao meu continente berço”.

Canal O PDF. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=CpSyhPX7jTg>. Acesso em: 20 jun. 2022.

3. **Contação de história: “Com qual penteado eu vou?”**

- Momento de contação de história: Livro “Com qual penteado eu vou?”, de Kiusam de Oliveira. O formato de contação de história através do vídeo se deu porque a atuação de Mayara Bezian é muito boa.

- Após exibição do vídeo, a discussão deve ser direcionada para os valores culturais, afetivos e ancestrais preservados e consolidados pela população africana, além das belezas dos penteados e ornamentos africanos e suas representações.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Sankofa nos ensina a olhar para o passado a fim de construir um futuro. Kiusam de Oliveira nos presenteia com uma obra literária fundamentada na sabedoria africana onde a valorização da ancestralidade mune-se de espiritualidade, alegria, potência e beleza, e é um dos maiores elos de sobrevivência, resistência e expansão do povo preto”.

Canal Fábricas de Cultura. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=frjaRJwJqxU>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LIVRO:

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?** São Paulo: Melhoramentos, 2021.

4. **Vídeo: “A África tem História!”**

- Após assistir a contação da história, a exibição do vídeo “A África tem História!” possibilita a reafirmação das belezas oriundas da cultura africana, do seu legado e a naturalização (que nos foi suprimida) da presença da África em nossas rodas de conversa, produções de conhecimento, desejos de viagens e em situações cotidianas.

- Discussão sobre a história silenciada da África, consequências e prejuízos desse silenciamento e a importância do resgate pela educação.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Uma introdução a reflexão sobre a historicidade do continente africano, a partir da afirmação de Hegel de que a “África não teria história. Como este conceito tornou parâmetro, para a construção e sustentação de preconceito e estereótipos sobre o continente africano”.

Canal Caçador de Histórias. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=XXDnOk7QvLk>. Acesso em: 18 jun. 2022.

5. **Poema “Não desiste, negra, não desiste”, de Mel Duarte**

- Vídeo declamação do poema “Não desiste, negra, não desiste!”, Mel Duarte.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Mel declama uma poesia. Mel é poeta, *slammer* e produtora cultural formada em comunicação social - RTV. Atua com literatura independente desde 2006 quando conheceu o movimento dos Saraus na cidade de São Paulo. As suas poesias foram publicadas em mais de dez antologias. Faz parte dos coletivos “Poetas Ambulantes” e “Slam das Minas- SP”. Publicou dois livros: “Fragmentos Dispersos” e “Negra Nua Crua”. Canal TECx Talks. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=FfDvjbsCFmM>. Acesso em: 22 jul. 2022.

"Não desiste!" - Mel Duarte

Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
Por mais que queiram esconder
Corre em tuas veias força yorubá,
Axé! Para que possa prosseguir!

Eles precisam saber, que a mulher
negra quer
Casa pra morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
tem suas convicções,
Suas imperfeições
Como qualquer outra mulher.

Vejo que nós, negras meninas
Temos olhos de estrelas,
Que por vezes se permitem constelar

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza
Duvidaram das nossas ciências,
E quem antes atendia pelo pronome alteza
Hoje, pra sobreviver, lhe sobra o cargo de empregada
da casa

É preciso lembrar da nossa raiz
Semente negra de força matriz que brota em riste!
Mãos calejadas, corpos marcados sim
Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!
Mantenha sua fé onde lhe couber
Seja Espírita, Budista, do Candomblé.
É teu desejo de mudança,
A magia que trás na tua dança,
Que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra! Cujo tratamento majestade é digna!
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,
Livre para andar na rua sem sofrer violência
E que se preciso for, levanta arma,
mas antes,
luta com poema.

E não desiste negra, não desiste!

Ainda que tentem lhe oprimir
E acredite, eles não vão parar tão cedo.
Quanto mais você se omitir,
Eles vão continuar a nossa história escrevendo!

Quando olhar para as suas irmãs,
veja que todas somos o início:
Mulheres Negras!
Desde os primórdios, desde os princípios
África, mãe de todos!
Repare nos teus traços, indícios
É no teu colo onde tudo principia,
Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!

E é por isso que eu digo:
Que não desisto!
Que não desisto!
Que não desisto!"

(DUARTE, p. 14-15, 2016)

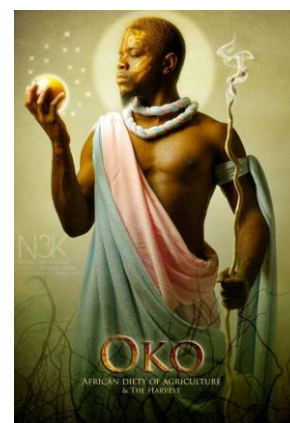
DUARTE, Mel. **Negra nua crua**. 2 ed. São Paulo: Ijuma, 2016.

6. Formação de grupos para construção de painel

- A mediadora traz uma caixa colorida (forrada com estampa africana) com figuras variadas dentro. São figuras que definem o grupo que cada professor deverá ficar, são 4 imagens que devem se agrupar de acordo com a temática (4 deuses, 4 reinos, 4 pontos turísticos, 4 estilos da moda, 4 personalidades e 5 imagens relacionadas com ciência e tecnologia) todas as figuras são pertencentes à cultura e história da África. De maneira que os professores deverão formar os seguintes grupos:

- | | |
|-------------------------|---|
| 1 - Mitologia africana | 4 – Turismo na África |
| 2 - Os reinos africanos | 5 - Personalidades africanas |
| 3 - Moda africana | 6 - Desenvolvimento tecnológico na África |

- Cada grupo terá um tempo para pesquisar sobre seu tema e confeccionar slides com imagens e informações que apresentam as diversidades do continente africano como não costumamos ver. Nesse momento, os(as) professores(as) terão acesso à internet para realizarem



a pesquisa dessa atividade e passarem os slides para o notebook que está conectado ao Datashow. A mediadora contribui com a organização dos slides.

7. Apresentação do painel “A África que não nos foi apresentada”

- Cada grupo apresenta os slides com as fotografias e informações pesquisadas ressaltando o quanto a África possui referências positivas em todos os aspectos.

8. Vídeo: “Educação Antirracista e a Democracia / No Chão da Escola”

- Exibição do vídeo Educação Antirracista e a Democracia / No Chão da Escola. Educação Antirracista / Áudio descrição. Depoimento Petronilha, Nilma e Alexandre sobre a necessidade do olhar antirracista. Questionamentos para os(as) professores(as) sobre o quanto esses depoimentos foram significativos para eles(as). Momento de escuta e de observar se os encontros têm sido eficientes para a formação dos participantes do curso.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Como a educação pode contribuir para o enfrentamento do racismo e o avanço da democracia? Produzido pelo Instituto Alana em parceria com a plataforma Porvir, este vídeo apresenta trechos da jornada formativa "No Chão da Escola: Educação Antirracista", realizada pelo Instituto Alana em julho de 2021. O evento busca refletir sobre caminhos para fortalecer a pluralidade das infâncias e o combate ao racismo dentro das escolas e para além delas. Confira na íntegra: <https://bit.ly/vernochaodaescola>”.

Canal Instituto Alana. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=0ht3WECmkkk>. Acesso em: 21 jul. 2022.

9. Momento “África de todos nós” – brincadeiras africanas

- Exibição de vídeos que ensinam as brincadeiras “Amarelinha Africana Teca Teca original e variações” e “Rayuela africana”.

- Após encerrarem os vídeos, a mediadora leva a turma para o pátio (que já tem as marcações no chão com os quadrados definidos para jogar). Ao som da música “Minue”, os professores brincam de amarelinha africana.

- Vídeo 1: “Amarelinha Africana Teca Teca original e variações”

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Muito tem se falado de jogos de matriz africana. Nesse vídeo você encontra uma opção super top: Amarelinha Africana Teca Teca! Fora do Brasil, o pessoal dá um show fazendo movimentos e coreografias diferentes. Divirta-se jogando e criando novas formas de jogo!”

Canal ABC do Jogo. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=f13xcXp0pJU>. Acesso em 21 jul. 2022.

Vídeo 2: “Rayuela africana”.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

Mostra o jogo de amarelinha africana numa versão mais simples em que mais pessoas podem brincar.

Canal Edith Laínez. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=UK5kcpkdG7w>. Acesso em: 21 jul. 2022.

- Música: Canción minue le gusta la dance (rayuela africana).

Esta é a música que embala a brincadeira amarelinha africana. Cada passo dos participantes segue o ritmo desta música e ela é repetida enquanto estiverem pessoas no espaço desenhado no chão.

Canal – Educação Física. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mwJulqG7nbE>. Acesso em: 21 jul. 2022.



10. Momento “Sou negra sim”

- Esse é o momento de apreciação da escrita de autoras negras: “Sou negra sim” – declamação de poemas e leitura de textos de autoras negras previamente combinado com os(as) participantes.

- Antes de começar a aula, a mediadora entrega uns poemas e textos para alguns professores(as) e combina de fazerem a leitura quando for solicitado.

- Para iniciar a leitura, a mediadora coloca uma música de fundo e não avisa para a turma o que vai acontecer. Escutam um trecho da música (Sou negro sim) e, logo que o volume do som for bem reduzido, inicia a leitura do primeiro poema. Os textos estão numerados para organizar melhor a ordem de leitura. Após a leitura e declamação, a atividade é encerrada com os vídeos: Poema “Seu Nome”, de Maria Firmina dos Reis e “Encontrei minhas origens”, de Oliveira Silveira.

Os textos selecionados são:

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”

Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo (1960)

Minha pele é escura. Meu nariz é apenas um nariz. Meu lábio é só um lábio. Meu corpo é só um corpo de mulher passando pelas mudanças da idade. Nada especial aqui para alguém amar. Nada de cabelos enrolado cor de mel, nada de bonitinho. Nada novo ou jovem. Mas meu coração deve ser novo e jovem pois parece que ele floresce com a vida.

A Cor Púrpura (1983)

Sou negra sim

Isabel Cristina Duarte

Tenho cabelo crespo
Pele como noite escura
Sou forte, lutadora
Aceito-me sem frescura!
Sou linda, versátil
Lábios carnudos,
Sentimento luz
Trabalhadora, honesta
Um jeito que seduz.
Da história deste país
Que um dia só floresta
Sou protagonista da dor,
Sofrimento e progresso!
Sou negra sim!
Sou a matriz desta sociedade
Tão falsamente rebuscada
E totalmente desorientada.
Sou negra sim!
Segregada, discriminada
Mas sempre serei história
De vida...
Luta...
Progresso!...
Por quê?
Fiz e faço este Brasil
De histórias mil.

Trecho do poema "Seu Nome", *Cantos à beira-mar* (1871)

Seu nome! é minha glória, é meu porvir,
Minha esperança, e ambição é ele,
Meu sonho, meu amor!
Seu nome afina as cordas de minh' harpa,
Exalta a minha mente, e a embriaga
De poético odor.

Seu nome! embora vague esta minha alma
Em paramos desertos, - ou medite
Em bronca solidão:
Seu nome é minha ideia - em vão tentara
Roubar-mo alguém do peito - em vão - repito,
Seu nome é meu condão.

Quando baixar benéfico a meu leito,
Esse anjo de deus, pálido, e triste
Amigo derradeiro.
No seu último arcar, no extremo alento,
Há de seu nome pronunciar meus lábios,
Seu nome todo inteiro!

Encontrei minhas origens

Oliveira Silveira

Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
.....livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
.....cantos
em ritos tambores
.....ritos
encontrei minhas origens
na cor da minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixo revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo. Poemas da
recordação e outros movimentos
(2008)

Súplica

Noémia de Souza

Tirem-nos tudo,
mas deixem-nos a música!

Tirem-nos a terra em que nascemos,
onde crescemos
e onde descobrimos pela primeira vez
que o mundo é assim:
um labirinto de xadrez...

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a tua lírica de xingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota-humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,
tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
-mas não nos tirem a música!

Mulheres sagradas

APRESENTAÇÃO

Vasculhando a memória, vou extraindo enredos que tecem a trama da vida dessas mulheres de santo, mulheres negras, resgatando suas histórias. Revelam-se tranqüilas, senhoras de saberes orais, elementos da memória e do patrimônio imaterial do Recôncavo baiano. Aprenderam a não se inquietar com a vida, elas sabem que a vida já tricou seus destinos. São alegres e sambadeiras, carregam na alma a coragem de esquecer os lamentos e se embalar ao som do vento, estremecendo o corpo, enquanto a alma dança, assim como seus ancestrais dançavam, mesmo na condição de escravos, inquietando os senhores e senhorinhas de engenho, que não entendiam tamanho contentamento no meio de tanta agonia. Muita coisa mudou, mas ainda continuam pobres, em sua maioria, sem nenhuma representatividade política, social. A mesma fé que sustentou os seus ancestrais as tem sustentado até esse momento. Fé nas forças da natureza que

se manifestam através dos orixás, evocados pelos atabaques, eles dançam, o povo se alegra recebendo a energia do seu Axé. Estes saberes ancestrais, do canto que invoca, das mãos que tocam a chama da vida, as folhas colhidas em árvores ancestrais, saberes prosseguidos pela oralidade através de gerações e gerações. O caminho percorrido pelas mulheres de santo, de resistência e fé, acordando emoções esquecidas, das coisas percebidas neste povo resistente, vitimados por ranços e preconceitos ainda presentes no cotidiano das pessoas de cor negra. Os textos foram surgindo bem devagar, a mente viajando através das coisas de menina, crescendo, tornando-se pensamento de gente grande, cheios de reflexões que se calam, como essas mulheres caladas diante da sua invisibilidade, dos tratamentos diferenciados. A intenção não é descrever os ritos da religião de matriz africana, o candomblé. É sim, através da beleza e poesia deste povo desconstruir conceitos equivocados, perversos; apresentar o encanto desse legado, através de imagens, histórias de vida sofrida de gente. Gente que ama, ri, sofre, espera, tem fé e continua caminhando, pés descalços em contato com a terra sagrada. Apesar dos percalços, anseiam mudança nos passos, nos passos da vida.

Aidil Araújo Lima

- Música para iniciar a atividade: “Sou negro sim”, de Eliana de Lima. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=e4sg5WJRZr8>. Acesso em: 20 jul. 2022.

- Vídeos que serão apresentados:

Vídeo: Seu nome / Socorro Lira e Maria Firmina dos Reis.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

Poema "Seu Nome" de Maria Firmina dos Reis musicado pela cantora Socorro Lira. “Ciclo Maria Firmina dos Reis com Maria Valéria Rezende, Susana Ventura e Socorro Lira. Participação: Cidinha Da Silva. Direção artística e de produção: Socorro Lira. Produção executiva: Maury Cattermol. Música, voz e violão: Socorro Lira. Poemas: Maria Firmina dos Reis”.

Canal – Socorro Lira. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=K2KIIhESM6g>.

Vídeo: Poema Encontrei minhas origens, de Oliveira Silveira.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

Declamação do poema Encontrei minhas origens, de Oliveira Silveira.

Canal Wagner dos Santos Chagas. Link: https://www.youtube.com/watch?v=9rFmNC_uUn4. Acesso em: 20 jul. 2022.

11. Autoras negras que preciso conhecer e levar para a sala de aula

- Apresentação de algumas autoras negras que precisam ser levadas para as aulas de Língua Portuguesa e Redação: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mel Duarte, Chimamanda Ngozi Adichie, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva, Aidil Araújo, Miriam Alves, Bárbara Carine. Slides com as fotos das autoras e uma breve apresentação de cada uma. Muitas outras podem ser mencionadas.

Fontes:

- www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/

- <https://www.culturagenial.com/escritoras-negras/>

12. Momento “O talento não tem cor”

- Nesse momento, vamos conversar, aprender e conhecer muitas coisas produzidas, escritas, herdadas de nossa ancestralidade que não chegam até nós (se não pesquisarmos). Os vídeos e documentários que serão mostrados somam 77 minutos, mas precisam ser reduzidos para 35 minutos, sem perder as informações importantes, para que possamos diversificar os conhecimentos, por isso não veremos os vídeos integralmente, pois alguns trechos serão cortados e editados em um único vídeo para otimizar o tempo. São vídeos que mostram aspectos da cultura, riquezas, culinária africanas entre outros.

- Discussão sobre as riquezas descobertas nos vídeos e exploração de outras riquezas para instigar a curiosidade e o respeito. Encerramento das atividades com “gostinho de quero saber mais” sobre a África e seu legado e com a indicação do documentário “Atlântico Negro” para o próximo encontro.

Vídeos que serão apresentados:

Documentário: “Heróis e heroínas negros na literatura brasileira”.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“Heróis e Heroínas Negros [#diadaeducacao](#) O que a falta de diversidade na literatura pode provocar na educação de crianças e adolescentes brasileiros? Entrevistados: Carolina Rocha, historiadora e escritora, Nathalia Grillo, arte-educadora; Alê Santos, pesquisador e escritor; Anderson Awvas, ilustrador e designer; Apresentação: Karen de Souza Exibição: 28 de abril de 2020”.

Canal Futura. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Z6kp5ICKKoooc>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Vídeo: “Conhecendo Museus – Ep. 04: MUSEU AFRO BRASIL”.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“É em meio à valorização da história negra africana e afro-brasileira que nasce, em 2004, o Museu Afro Brasil. Símbolo de luta e perseverança, esse povo e sua rica cultura estão espalhados em fotografias, pinturas, gravuras, documentos e peças no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, localizado dentro do Parque do Ibirapuera. O contraste do verde e do cinza da capital paulista cercam o museu que abriga mais de 5 mil obras, sendo 2.163 doadas pelo artista plástico Emanuel Araújo, que teve a ideia de criar o museu e hoje é seu curador. Um sonho realizado por esse baiano para contar a história de um povo sofrido, mas que soube vencer com dignidade”.

Canal Conhecendo Museus – FJPN. Link: https://www.youtube.com/watch?v=C_utYJ41hMM. Acesso em: 20 jul. 2022.

Vídeo: Gastronomia africana – Nova África.

DESCRIÇÃO DO VÍDEO:

“A cozinha, as receitas, os modos e os temperos. A gastronomia africana é um universo amplo e fascinante que passa pelos ingredientes, utensílios, sabores e saberes do homem. O Nova África dessa semana mostra como a variedade retrata este continente. Do norte ao sul, pratos que misturam influências mediterrâneas, tribais, asiáticas, árabes, e até brasileiras. O primeiro destino é o Benin, onde a repórter Dina Adão mostra como a culinária brasileira influenciou os pratos servidos neste país. O historiador Noel explica como os escravos brasileiros levaram costumes culinários ao retornarem ao lar.

De lá, seguimos para o segundo país mais populoso do continente, a Etiópia, que abriga um dos maiores mercados a céu aberto da África: o Adis Abeba. Com a repórter Aline Maccari compraremos os ingredientes necessários para o preparo de uma receita típica e muito especial para os etíopes, a galinha dorset. O prato, servido apenas em ocasiões especiais, tem seu simbolismo desvendado em uma visita a um dos restaurantes mais tradicionais do país. E ainda na Etiópia, uma outra tradição gastronômica bastante apreciada no Brasil: o café. Veja as diferentes formas de preparo desta iguaria, com por exemplo, o café com sal. O programa mostra ainda um restaurante na África do Sul que serve apenas comidas originadas no continente. O África Café busca manter as tradições gastronômicas de toda a África em um país que, cada vez mais, ocidentaliza a sua culinária. A proprietária fala sobre os estereótipos criados pelos visitantes, que associam comida africana a pobreza e sujeira, o que não é verdade. Já a última viagem deste episódio tem como destino o Marrocos. Mundialmente famoso por seus pratos e temperos exóticos, o país tem um dos mercados mais tradicionais, coloridos, barulhentos e divertidos do norte da África: o Jema El Finá. Quem acha que os franceses são os maiores consumidores de pão do mundo ficará surpreso. Além disso, veja como é preparada uma iguaria bastante consumida por lá e aqui, o cuscuz. Ainda no Marrocos, uma entrevista com um dos maiores cozinheiros do continente, o chefe Tarik Harabida. Nascido e criado por uma família de cozinheiros, aos 17 anos Harabida iniciou sua trajetória na gastronomia. Para ele, a especialidade da comida marroquina é resultado dos hábitos e, principalmente, da história do povo deste país.

Canal – TV Brasil. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ducKbe44AdU>. Acesso em: 20 jul. 2022.

4º ENCONTRO: (CRI)AÇÃO

Objetivo:

O objetivo desse momento é que os(as) professores(as) elaborem uma proposta de atividade decolonial para uma aula de Língua Portuguesa ou Redação tendo como base as aprendizagens construídas ao longo dos encontros formativos. Espera-se que os(as) participantes sintam-se preparados para colocar em prática os conteúdos discutidos e adaptar à realidade de sua sala de aula. Serão disponibilizados materiais para preparação do roteiro da aula, como livros e indicações de links com poemas, crônicas, contos, letras de músicas de autores(as) negros(as), bem como reportagens, documentários, entrevistas entre outros, inclusive o modelo de plano para facilitar a elaboração, caso necessite.



Estratégias metodológicas e desenvolvimento:

1. Painel: “Monumentos e invenções de pessoas negras”

- A mediadora expõe um poster, em um lugar estratégico da sala, com vários monumentos e invenções e seus respectivos criadores (fotografia, nome e nacionalidade) e personalidades negras.

- Inicia uma conversa informal sobre as informações do painel de maneira que os professores vejam e se interessem pela exposição e até mesmo contribua com mais informações e mais nomes que não estão no painel.

- Algumas imagens do painel:

Pirâmides do Egito (contribuições na arquitetura), jogos Mancala e Yoté (contribuições para a matemática), matemáticos negros (e suas contribuições), o semáforo, o banco de sangue, a fibra ótica, o fogão, a máquina de gás, o bonde elétrico, elevador, o Método Boll e a quimioterapia (contribuições para química e medicina) e personalidades como: Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Martin Luther King, Barak Obama, André Rebouças, Luiz Gama, Bob Marley, Cruz e Souza, Machado de Assis, Mãe Menininha, Milton Santos, Lelia Gonzalez, Pixinguinha, Clementina de Jesus, Lázaro Ramos, Camila Pitanga, Gilberto Gil, Benedita da Silva, Taís Araújo, Neusa Borges, Zezé Mota entre outras.

2. Momento “Em busca de respostas: o desafio do livro didático, como resolver?”

- Apresentação de alguns exemplos de inadequações encontradas nos livros didáticos analisados na pesquisa. Imagens e textos exibidos em slides.

- Discussão sobre como lidar com o desafio de utilizar o livro didático, mesmo diante de tantas lacunas em relação à Lei 10.639/03, e propostas de como usá-lo como instrumento de combate ao racismo.

- Direcionar a discussão para a necessidade de conhecer a legislação e os documentos que orientam sobre o ensino baseado no respeito pelas relações étnico-raciais e que inclua a valorização da história e cultura da África e da diáspora africana.

3. Momento “Falando sério – conversa sobre as DCN-ERER”

- Apresentação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africana (DCN-ERER) através de slides.

- Sugestões de leituras e/ou atividades para inserir a cultura africana e afro-brasileira nas aulas. Disponibilização do link para baixar as DCN-ERER.

4. Formação de grupos de 3 pessoas para elaboração do plano de aula

- A mediadora explica que agora é o momento dos(as) participantes dos encontros formativos colocarem em prática as aprendizagens adquiridas na formação e de construir suas propostas voltadas para as relações étnico-raciais.
- Após formar os grupos de 3 pessoas, vão elaborar um plano de aula (de 50min) para o Ensino Fundamental II.
- A partir de um texto literário, tema motivador ou texto jornalístico, o grupo será orientado a construir uma proposta que visa à inclusão das questões étnico-raciais nas aulas de Língua Portuguesa e Redação.
- A mediadora orienta os(as) professores(as) na pesquisa do texto (música, imagens e/ou outros recursos) para iniciar a aula e, com base nesse recurso escolhido, elaboram um roteiro para a aula. Serão disponibilizados para os grupos: o modelo do roteiro da aula (APÊNDICE B), acesso à internet e material para pesquisa, como livros e textos teóricos e paradidáticos, sugestões de links, de músicas entre outros materiais visando otimizar o tempo para a elaboração do plano.

5. Socialização dos planos de aula pelos grupos

- Cada grupo apresenta seu plano oralmente. Poderá projetar no datashow caso tenha usado notebook para a confecção do plano, caso tenha sido feito manuscrito pode apresentar o passo a passo da aula sem projeção.

6. Painel “A educação transforma: o negro pode escolher onde quer estar!”

- A mediadora leva figuras recortadas de revistas e jornais de pessoas negras, brancas, homens, mulheres, jovens, adultos em situações e lugares diversos (trabalho, lazer, viagens, estudos etc) e em número equivalente. As figuras são espalhadas no centro da sala e faz-se um círculo ao redor. Cada professor olha para a imagem que mais desperta sua atenção, pega a imagem que escolheu, explica o porquê da escolha e cola a figura no painel confeccionado de papel metro que já está colado na parede.
- A ideia é de que não só no mercado de trabalho, mas em todos os lugares do mundo, qualquer pessoa precisa ter o direito de estar, de poder escolher e de ter condições para isso. Aos negros e negras essa condição não pode ser negada. A justiça social precisa começar a partir da transformação promovida pela educação e, como muitas vezes as famílias falham nessa tarefa por motivos diversos, a escola precisa se envolver e intervir, pois esta será uma transformação para o bem da coletividade e os frutos serão colhidos por toda sociedade.

- Esta atividade complementa os painéis apresentados nos encontros anteriores a respeito da ínfima presença dos negros em posições sociais de prestígio. O uso de diversos painéis com imagens nos encontros formativos foi uma estratégia para a (re)construção positiva da representação da pessoa negra em todos os contextos sociais. A imagem reforça os conceitos positivos, dá visibilidade para as pessoas e notabilidade para sua presença. Já a ausência das imagens, no meu entendimento, reforça os preconceitos já conhecidos por nós e naturaliza a ausência da população negra nos diversos lugares sociais, como já ocorre na mídia brasileira, nos livros didáticos, nos *outdoors*, nas embalagens, nas vitrines, em suma, qualquer veículo onde há exposição de imagens de pessoas.

7. Avaliação dos encontros formativos pelos(as) professores(as)

- Entrega da ficha de avaliação para cada professor(a) preencher. Não há obrigatoriedade de identificação da pessoa. Os critérios avaliados são: a importância da formação para os participantes; a relevância para sua prática; se houve aprendizagem; desempenho da mediadora na condução da formação e desempenho dos participantes entre outros aspectos.

- A ficha de avaliação encontra-se no APÊNDICE C.

8. Encerramento

- Momento de encerrar os encontros com os agradecimentos e entrega das lembrancinhas para os(as) professores(as).

- A lembrancinha será um chaveiro com uma boneca Abayomi com a seguinte frase:



“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” Carl Jung



- A mediadora explica a simbologia da boneca Abayomi e faz a despedida.

RECURSOS

- Painéis (confeccionados em gráfica);
- Pôsteres sobre negros e brancos no mercado de trabalho;
- Tripé;
- Pincel para quadro branco e apagador;
- Papel sulfite branco;
- Papel sulfite colorido (para confecção das fichas e cartas do Puxa conversa);
- Fichas;
- Datashow;
- Notebook;
- Caixa de som;
- Papel metro branco e pardo;
- Fita adesiva transparente e uma de cor;
- Cola, tesoura, lápis de cor, giz de cera;
- Chaveirinhos de bonecas Abayomi.

AValiação

Avaliar os participantes de um curso de formação não é uma tarefa fácil. O processo avaliativo acontece com a observação do desenvolvimento das aprendizagens construídas ao longo da formação e a partir a intervenção pedagógica do mediador dos conteúdos oferecidos. Sendo assim, o sistema avaliativo proposto para o conteúdo desse curso de formação será realizado de forma qualitativa e contínua, tendo como critérios a observação da evolução dos professores durante a exibição dos vídeos e da explanação; a participação nas discussões realizadas durante os encontros e a produção do roteiro da aula proposto para o final do curso. Serão avaliados também os procedimentos e atividades desenvolvidas nos encontros, assim como o desempenho da mediadora, através da ficha de avaliação (APÊNDICE C), conforme descrito na seção detalhamento das atividades.

SAIBA MAIS...

Se você se interessa pelo conteúdo dos encontros e deseja buscar mais materiais relacionados às temáticas antirracistas e decoloniais, fique de olho nas dicas abaixo. Navegando nos links sugeridos, você vai se deparar com uma infinidade de indicações de outros sites, projetos, vídeos etc.

* Instagram

- @casasuelicarneiro
- @ancestralidade_literaria
- @quilombointelectual
- @narrativas.negras
- @canteiroobraspretas
- @educacaoantirracista.leepes
- @escoladepoesiaamefricana
- @aquilombar
- @canal.preto
- @uma_intelectual_diferentona

* Grupos de estudos

- **Rede de Professores Antirracistas.** Encontros segunda-feira, 19h. Canal: Rede de Professores Antirracistas (YouTube): https://www.youtube.com/channel/UCN_zNyh5ki_iroJfklnTY7w?app=desktop.
- **Canteiros de Obras Pretas.** Projeto do IFBA. @canteiroobraspretas.
- **Fateliku – Grupo de Pesquisa sobre educação, relações étnico-raciais, gênero e religião.** Link: [https://www4.fe.usp.br/grupo-de-pesquisa-sobre-educacao-relacoes-etnicos-raciais-genero-e-religiao-fateliku#:~:text=O%20Fateliku%20%C3%A9%20um%20grupo,outras\)%20que%20desenvolvem%20atividades%20que](https://www4.fe.usp.br/grupo-de-pesquisa-sobre-educacao-relacoes-etnicos-raciais-genero-e-religiao-fateliku#:~:text=O%20Fateliku%20%C3%A9%20um%20grupo,outras)%20que%20desenvolvem%20atividades%20que).

* Livros e textos

- **Sabores e saberes: arte culinária afro-brasileira.** CMEI Dr. Djalma Ramos. Lauro de Freitas, 2022. Disponível para download em: <https://asprolf.org/cmei-dr-djalma-ramos-lanca-e-book-sabores-saberes-arte-culinaria-afro-brasileira/>. Acesso em: 03 set. 2022.
- PINTO, H.; SILVA, L. S. da; DANAE, M. (org.). **Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras.** São Paulo: AZIZA Editora, 2022. Disponível para download em: <https://anansi.ceert.org.br/biblioteca-pdf/catalogo-jogos.pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.
- Material pedagógico **A cor da Cultura.** Fundação Cultural Palmares (FCP). Disponível para download em: <https://www.palmares.gov.br/?p=10963>.
- DUARTE, E. de A. **Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves.** UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafro/autoras/29-critica-de-autores->

feminios/442-na-cartografia-do-romance-afro-brasileiro-um-defeito-de-cor-de-ana-maria-goncalves.

- MUNANGA, k. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20-31, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/>

* Vídeos

- Nação TVE – **Carolina de Jesus** Parte 1 – 18/09/2015. Canal TVE RS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>. Parte 2 – 25/09/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlfw>.

- **História da discriminação racial na educação brasileira** – Silvio Almeida – Escola da Vila 2018. Canal Centro de Formação da Vila. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gwMRRVPI_Yw&t=29s.

- **Racismo estrutural** – Djamila Ribeiro e Silvio Almeida. Canal Feminismos Plurais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZADKtsNnx74>.

- **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros Educacionais #1** – Valores Afro-brasileiros na Educação #2. Participação Azoilda Loretto, Eliane Cavalleiro e Patrícia Santana. Canal Vídeos Públicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3--A3nLS0pk&t=29s>.

- **Literatura africana de Língua Portuguesa** – com equipe de biblioteca. Canal Fábricas de Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xW66qN6KdBA>.

- **Escrevivências – da representatividade negra feminina na literatura.** Canal Preto. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Adu9CJR4U-k>.

- **XXV Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG** – Conferência de Abertura. Tema: Desigualdades, racismo e resistências. Conferencista: Prof. Dr. Kabengele Munanga (USP). Canal UFG Oficial. Link: https://www.youtube.com/watch?v=AcHrZA0TsjE&list=PLTtVU0kdT_nIAV9mI51Ty4z_HjaL6KZWZ&index=20.

- **Educação Decolonial.** Canal África e Africanidades. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=J4DfFCUbXF4>.

- **Ale Santos e o afrofuturismo.** “Quero reconstruir o imaginário social brasileiro”. Canal Brasil de Fato. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=dCM-AYBUIz8>.

- **Literatura afro-brasileira.** Canal Conexão Futura. Conversa com Conceição Evaristo, Fernanda Felisberto e Eduardo de Assis Duarte. https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk.

- **A Linha do Tempo dos Povos Africanos.** Canal Uma Intelectual Diferentona. <https://www.youtube.com/watch?v=guWiRZgOvZw&t=439s>.

* Sites

- **Portal Geledés.** Link: <https://www.geledes.org.br/>.
- **Literafro** – o portal da literatura afro-brasileira. Link: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>.
- **Preta Portê Filmes.** Link: <https://pretaportefilmes.com.br/>.
- **Canal Preto.** Canal do YouTube que discute sobre raça, gênero e trabalho. Link: <https://www.youtube.com/c/CanalPreto/about>.
- **Afreaka.** Projeto que tem como foco apresentar a África sem estereótipos. Link: <http://www.afreaka.com.br/>.
- **Por Dentro da África.** Site dedicado a notícias, pesquisas, teses e outros sobre o continente africano. Link: <https://www.pordentrodaafrica.com/>.
- **Revista África e Africanidades.** Link: <https://africaeafrikanidades.com.br/>.
- **IPEAFRO** – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros. Link: <https://ipeafro.org.br/>



Fonte: Google Imagens

The page is framed by a decorative border composed of repeating geometric and organic motifs in black and white. The motifs include stylized faces, diamonds, zig-zags, and abstract shapes, arranged in a grid-like pattern around the central text.

Agora é com você, professor(a)!

*Aqui você encontrou material que pode ser utilizado de
diversas possibilidades.*

Aproveite as dicas para realizar trabalhos incríveis.

E vamos juntos combater o racismo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não espero com esta formação de 20 horas que os participantes estejam totalmente prontos para exercerem uma educação antirracista em suas aulas, mesmo porque acredito que nunca estaremos prontos para o exercício do magistério; a cada ano, recebemos um novo público em nossas salas que exige outro olhar, uma nova forma de agir e fazer pedagógicos, por isso estamos o tempo todo em formação e buscas.

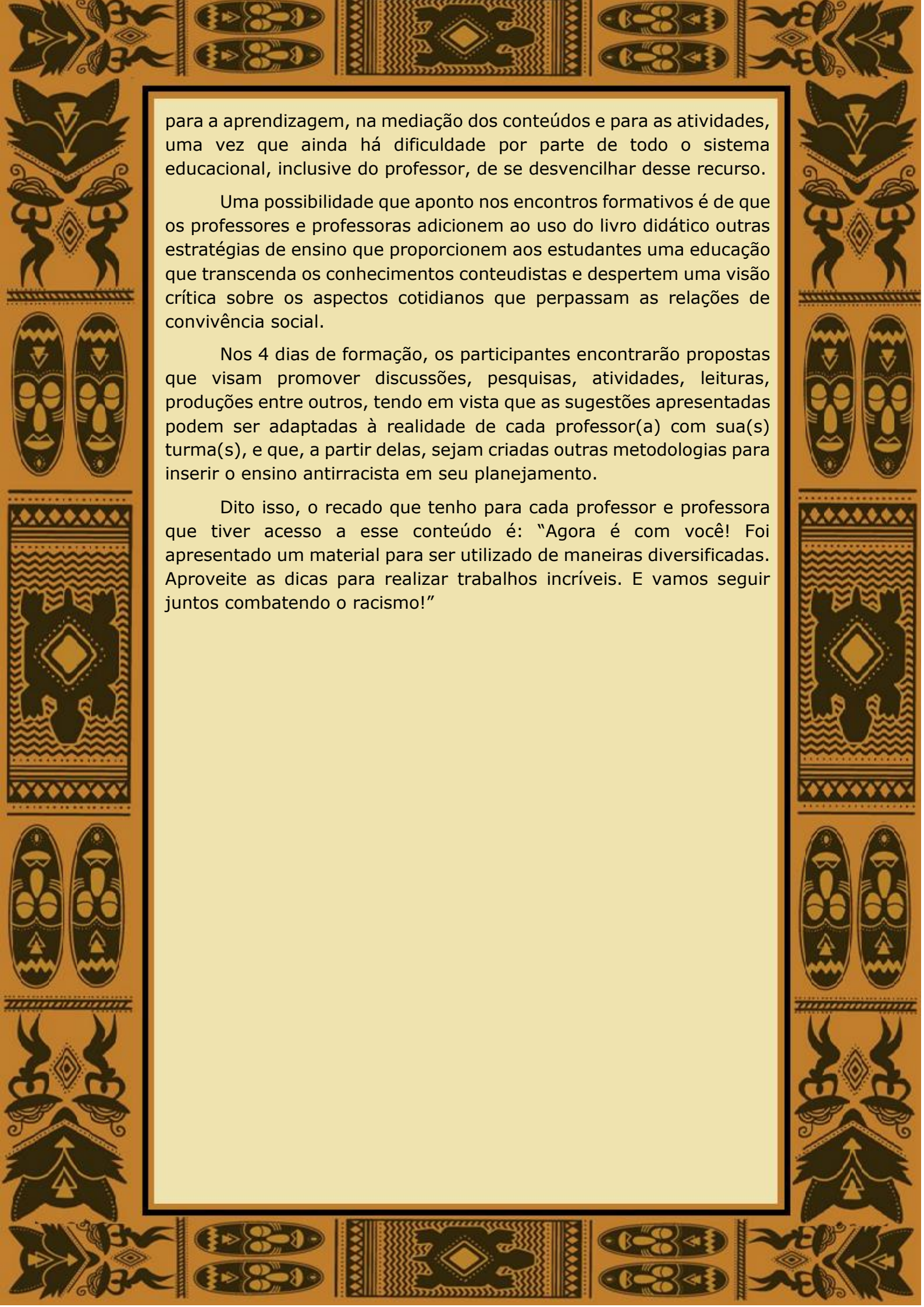
Contudo, tenho convicção de que essa formação é o passo inicial para abrir os horizontes de nossos professores e professoras para uma prática pedagógica que enxergue o outro não somente como aluno, ou como um cliente, mas principalmente como um ser humano que, muitas vezes, precisa de nós para aprender a ser e a se relacionar e para conhecer a si mesmo perante o convívio social. Estou certa de que, ao chegarem em suas salas, terão melhores condições de perceberem as situações que foram exemplificadas, comprovadas e relatadas durante os encontros e darão mais atenção para as questões étnico-raciais no planejamento, com o intuito de dar maior visibilidade aos negros e negras reforçando uma representação positiva para todos os alunos.

A escrita da dissertação e a construção deste produto possibilitaram para mim a reelaboração de minha visão de mundo e vem proporcionando mudanças imprescindíveis em minha prática educativa. Intenciono que cada pessoa que acessar tanto a dissertação, quanto o produto, seja impactada de alguma forma e que se posicione também como mediadores de transformação da sociedade.

Com a realização dos encontros previstos neste produto, asseguro primeiramente a satisfação no que se refere à relevância pessoal e profissional da pesquisa. Ademais, com as mudanças na prática docente dos participantes desta formação, certamente a relevância social também será exitosa.

Em toda programação dos encontros formativos deixei evidente a exploração de imagens por meio de diversas atividades. É importante ressaltar que essa metodologia teve a finalidade de realçar intuitivamente e (re)construir uma representação positiva das pessoas negras em qualquer lugar e condição em que elas se encontrarem.

Com relação aos resultados da análise do livro didático de Língua Portuguesa, destaco que ainda há muito o que fazer para alcançar uma produção desse material em consonância com a Lei nº 10.639/03 e as DCN-ERER. No entanto, ele vai continuar sendo utilizado como suporte



para a aprendizagem, na mediação dos conteúdos e para as atividades, uma vez que ainda há dificuldade por parte de todo o sistema educacional, inclusive do professor, de se desvencilhar desse recurso.

Uma possibilidade que aponto nos encontros formativos é de que os professores e professoras adicionem ao uso do livro didático outras estratégias de ensino que proporcionem aos estudantes uma educação que transcenda os conhecimentos conteudistas e despertem uma visão crítica sobre os aspectos cotidianos que perpassam as relações de convivência social.

Nos 4 dias de formação, os participantes encontrarão propostas que visam promover discussões, pesquisas, atividades, leituras, produções entre outros, tendo em vista que as sugestões apresentadas podem ser adaptadas à realidade de cada professor(a) com sua(s) turma(s), e que, a partir delas, sejam criadas outras metodologias para inserir o ensino antirracista em seu planejamento.

Dito isso, o recado que tenho para cada professor e professora que tiver acesso a esse conteúdo é: "Agora é com você! Foi apresentado um material para ser utilizado de maneiras diversificadas. Aproveite as dicas para realizar trabalhos incríveis. E vamos seguir juntos combatendo o racismo!"



APÊNDICES

<p>Você pode descrever alguma vez em que teve que fazer uma intervenção por causa de uma atitude racista?</p>	<p>Você sabe identificar quando uma pessoa está sendo racista?</p>	<p>Você sabe reconhecer quando um jovem está sendo vítima de preconceito racial?</p>
<p>Você já se aproximou de algum aluno ou aluna negra a fim de conhecer melhor os sentimentos dele(a)?</p>	<p>Você conhece alguma pessoa racista? Sabe o que a motiva a pensar assim?</p>	<p>Você já aconselhou alguma pessoa, sabendo que ela é racista, a não pensar mais dessa forma?</p>
<p>Caso tenha oportunidade de aconselhar uma pessoa a deixar de ser racista, qual o seu melhor argumento?</p>	<p>O que você sente quando assiste filmagem de uma pessoa negra acusando outra de atacá-la por causa da cor da pele?</p>	<p>Que motivos podem levar um aluno negro a desistir de frequentar a escola?</p>
<p>Caso você não seja negro(a), já tentou se colocar no lugar de uma pessoa negra? Como você imagina que é o cotidiano dessa pessoa?</p>	<p>O que você achou dos protestos contra o policial branco que matou o negro George Floyd?</p>	<p>Você concorda com os protestos intitulados “Vidas negras importam”? Por quê?</p>

<p>Você sabia que mais da metade da população brasileira é composta por pessoas negras? Você considera verdadeiro ou falso esse percentual?</p>	<p>O que você sabe sobre a Lei nº 10639/03?</p>	<p>Você sabe por que a Lei nº 10639/03 foi criada?</p>
<p>Você convive cotidianamente com pessoas negras? Para você isso é comum?</p>	<p>Você tem amigos e/ou familiares negros? Isso demonstra que você não é racista?</p>	<p>Você já chegou a perceber a ausência de atrizes e atores negros em novelas, filmes, em revistas e <i>outdoors</i>? O que acha disso?</p>
<p>Para você as cotas para negros e negras nas universidades tira a oportunidade dos outros que estudaram e não conseguem uma vaga? Por quê?</p>	<p>O livro didático que você trabalha possui imagens de pessoas negras na mesma proporção que as imagens dos não negros? Você já observou isso?</p>	<p>O livro didático que você usa nas aulas tem algum texto que aborda a literatura africana e/ou afro-brasileira? Você já observou?</p>

Fonte: Perguntas elaboradas pela autora.

APÊNDICE B – MODELO DO PLANO DE AULA

ENCONTROS FORMATIVOS PARA UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA – ÁFRICA:
CONHECER, RESPEITAR E DEFENDER



Mediadora: Rozânia Alves Magalhães Silva

Professores(as):

Disciplina: Público-alvo (série/nível):

Plano de Aula

TEMA DA AULA:
CONTEÚDO:
OBJETIVO GERAL (relacionar com a Lei 10.639/03 e com as DCN-ERER)
OBJETIVOS ESPECÍFICOS (voltados para o conteúdo da aula):
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:
RECURSOS DIDÁTICOS:
AVALIAÇÃO:
REFERÊNCIAS:
OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE C – FICHA DE AVALIAÇÃO

ENCONTROS FORMATIVOS PARA UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA – ÁFRICA:
CONHECER, RESPEITAR E DEFENDER



AVALIAÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS

Com esta avaliação, você pode contribuir para melhorar a organização e planejamento dos próximos encontros de formação de professores para uma prática pedagógica antirracista e decolonial. Não é necessária identificação, o objetivo é saber se foi válida a formação e qualificar as ações e mediações feitas durante os encontros.

Marque uma das imagens do quadro que indica seu grau de satisfação em cada aspecto descrito abaixo, de acordo com a legenda:

Muito satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Parcialmente satisfeito(a)	Insatisfeito(a)

Fonte: Google Imagens “Emoji africano”.

Você se considera...				
1. Em relação à formação promovida nos encontros				
2. Em relação à organização dos encontros				
3. Quanto à relevância para sua prática de ensino a partir de agora				
4. Em relação ao conteúdo dos encontros formativos				
5. Quanto à realização das propostas e atividades pela mediadora				
6. Quanto à condução das atividades pela mediadora				
7. Quanto à aplicabilidade das propostas e atividades em suas aulas				
8. Com relação aos conhecimentos adquiridos nesta formação				
9. A metodologia utilizada favoreceu a sua compreensão e aprendizagem				

10. Os materiais didáticos oferecidos foram adequados para sua aprendizagem				
11. Os materiais didáticos apresentados dão suporte para aplicação em suas aulas				
12. Quanto à carga horária desta formação				
13. Com relação à sua frequência e permanência nos encontros				
14. Com relação à sua participação nas atividades e discussões				
15. Em relação às transformações em sua prática de ensino a partir de agora				

Este espaço foi reservado para você fazer observações que julgar necessárias, fique à vontade para apontar os pontos positivos e/ou negativos, fazer sugestões e/ou comentários a respeito dos encontros.





ANEXO

ANEXO A – CARTILHA “VAMOS REPENSAR NOSSO VOCABULÁRIO?”

Vamos repensar nosso vocabulário?

RACISMO SUTIL

PARATODOS
Programa Sesc e Senac de diversidade

Fecomércio RS | Sesc | Senac

Novembro | 2020

A COISA TÁ PRETA
O termo associa a palavra “preto” com uma situação desconfortável, desagradável, difícil ou perigosa.
DIGA:
a coisa tá difícil

A DAR COM PAU
Tem origem nos navios que traziam os povos escravizados, quando algumas pessoas preferiam morrer de fome a serem escravizadas. Assim elas eram alimentadas à força com um tipo de colher de pau grande, daí vem a expressão “a dar com pau”.
DIGA:
bastante, muito

A
“A mudança não chegará se esperamos outra pessoa ou outro tempo... Somos a mudança que buscamos”
Barack Obama

ATÉ TENHO AMIGOS QUE SÃO NEGROS

Frase de defesa quando se aponta alguma atitude ou fala racista. Não utilizar. Repense seu comportamento. Vivemos em uma sociedade racista, infelizmente, ainda é comum reproduzirmos falas racistas sem nos darmos conta.

não use esta expressão!

C

CABELO RUIM, CABELO DE BOMBIL, CABELO DURO
Termos racistas usados como bullying que depreciam a imagem e o cabelo de pessoas negras. Falar mal das características dos cabelos Afro também é racismo.
VOCE DEVE FALAR:
cabelo crespo, cacheado, afro

COR DE PELE
A expressão ficou conhecida para descrever a cor rosa-claro, fazendo referência à pele de pessoas brancas. Porém, como já é sabido, não existe apenas uma cor de pele, vivemos uma sociedade mista e plural.
SUBSTITUA POR:
rosa-claro ou bege

Conceição Evaristo

“A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio (...) A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou batatinha revolta no fundo das cozinhas alheias (...) A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhidas em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas (...) Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade”

COR DO PECADO

Utilizada erroneamente como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada. Em uma sociedade pautada na religião, pecar não é positivo, ser pecador é errado, e ter a pele associada ao pecado significa que ela é ruim. Outra expressão que faz a mesma associação de que negro = negativo.

não use esta expressão!

COISA/SERVIÇO/TRABALHO DE PRETO
Usado para descrever um serviço mal feito. O termo é carregado de preconceito, uma vez que descreve as pessoas negras como incapazes e preguiçosas. Jamais use estas expressões!
SUBSTITUA POR:
trabalho errado

CRiado MUDO
Você sabia que o nome dado a este móvel faz referência aos criados (geralmente escravizados) que deviam segurar objetos para seus senhores? Como estes criados não podiam falar, eram considerados mudos, daí o termo criado-mudo.
DIGA:
mesa de cabeceira

C
“Tudo que você precisa fazer é mover as pessoas só um pouquinho para mudanças acontecerem”
Viola Davis

D

DENEGRIR
Tem como real significado “tornar negro”, “escurecer”. É usado para difamar ou acusar injusta por outra pessoa, sempre usado de forma pejorativa, ou seja, utilizar esta palavra pejorativa é extremamente racista.
USE ENTÃO:
difamar

DOMÉSTICA
Domésticas eram as mulheres negras que trabalhavam dentro da casa das famílias brancas e eram consideradas domesticadas.
DIGA:
empregada, funcionária

D
“Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”
Angela Davis

<p>ESCRAVO Este termo trata os africanos como passivos e desprovidos de subjetividade. Os africanos que vieram para o Brasil eram pessoas, reis, rainhas, camponeses, homens e mulheres escravizados contra a sua vontade.</p> <p>SUBSTITUA POR: pessoas escravizadas e escravidão por escravização</p> 	<p>E/F "Não dá para falar em consciência humana enquanto pessoas negras não tiverem direitos iguais e sequer forem tratadas como humanas"</p> <p>Djamila Ribeiro</p>	<p>H/I "Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de famílias que nos insultam, que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade"</p> <p>Luiz Gama</p>	<p>HUMOR NEGRO Usam para descrever um tipo de humor ácido e com piadas de mal gosto com temas mórbidos, sérios ou tabus com tom politicamente incorreto.</p> <p>VOCÊ PODE USAR: humor ácido</p>  <p>INDIADA Utilizado para descrever um passeio, atividade ou viagem que não deu muito certo, algo trabalhoso, difícil ou até mesmo chato. O termo é pejorativo, pois "indiada" se refere a um grupo ou conjunto de índios.</p> <p>FALE: atividade ruim, viagem chata</p>
<p>INVEJA BRANCA Associa o "negro" ao negativo, a algo que faz mal e o "branco" ao que é positivo, uma inveja boa, um sentimento do bem.</p> <p>USE APENAS: inveja</p>	<p>I/J "Negar e silenciar é confirmar o racismo"</p> <p>Roger Machado</p>	<p>L/M "Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário"</p> <p>Nelson Mandela</p>	<p>LISTA NEGRA Usada para descrever pessoas que, por alguma razão negativa, estão excluídas de certos grupos, ou ainda que uma pessoa está sendo perseguida. Mais uma vez a palavra "negra" é usada como algo negativo.</p> <p>DIGA: lista proibida/restrita</p>  <p>MERCADO NEGRO Muito usado para se referir a um sistema de compras e vendas clandestino, ilegal.</p> <p>SUBSTITUA POR: mercado clandestino</p>
<p>MORENO(A) Pessoas acreditam que chamar alguém de negro ou preto é ofensivo. Falar "morena" ou "mulata", embranquecendo a pessoa, "amenizaria" o "incômodo". Você deve se referir a pessoa pelo nome ou questioná-la como ela preferir ser descrita.</p>	<p>L/M "A maior expressão do preconceito racial no Brasil está justamente na negação desse preconceito"</p> <p>Autor desconhecido</p>	<p>NÃO SOU TUAS NEGAS Trata a mulher negra como "qualquer uma" ou "de todo mundo", relembra o tratamento às mulheres escravizadas que eram, seguidamente, assediadas e estuproadas. A frase deixa explícita que com "as negras pode tudo", e com as demais não se pode fazer o mesmo, e no tudo está incluso desfazer, mal tratar. Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.</p> <p>não use esta expressão!</p> 	<p>MULATO(A) A palavra significa literalmente: mula, a cruz de um asno macho com uma égua. O termo surge na época da escravidão, quando muitas mulheres escravizadas eram violentadas por "seus senhores" e tinham filhos que eram chamados de mulatos.</p> <p>SUBSTITUA POR: pard(o) ou mestiço(a)</p> 
<p>N "Todos exigimos e queremos respeito, homens ou mulher, negro ou branco. É nosso direito humano básico"</p> <p>Aretha Franklin</p>	<p>NEGA MALUCA Há uma lenda que diz que o termo foi criado quando uma mulher escravizada estava fazendo um bolo e acidentalmente deixou cair cacau em pó na receita e, ao invés de descartar a massa, seguiu criando o bolo de chocolate. O termo reforça estereótipos.</p> <p>DIGA APENAS: bolo de chocolate</p> 	<p>NHACA Desde a época colonial o termo é usado para falar de algo com cheiro forte, desagradável. O que pouca gente sabe é que Nhaca é uma ilha de Moçambique e é daí que vem o uso do termo, mais uma vez para reforçar estereótipos e preconceitos.</p> <p>DIGA APENAS: cheiro ruim</p> 	<p>N/T "A raça não existe para você porque nunca foi uma barreira. Os homens negros não têm essa oportunidade"</p> <p>Chimamanda Ngozi Adichie</p>
<p>SAMBA DO CRIOULO DOIDO É o título de uma canção de samba, composta por Sérgio Porto (pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta), que ironizava a obrigatoriedade de as escolas de samba retratarem em seus enredos apenas temas de fatos histórico. Porém a expressão debochada reforça um estereótipo e discriminação aos negros.</p> <p>DIGA: confusão, trapalhada, bagunça</p> 	<p>NEGRINHO/BRANQUINHO (DOCES) Usado para chamar o típico doce de chocolate (que é marrom). O mesmo serve para a palavra branquinho, que é o doce de leite condensado.</p> <p>SUBSTITUA POR: brigadeiro / beijinho</p>	<p>TEM O PÉ NA COZINHA Usada de forma preconceituosa para falar de pessoas de origem negra, uma vez que na época da escravidão, este era o espaço destinado às mulheres negras.</p> <p>não use este termo!</p> 	<p>PARATODOS Programa Sesi e Senac de diversidade</p> <p>Fecomércio RS Sesc Senac</p> <p>Novembro 2020</p>

As páginas foram reduzidas para otimizar o espaço.

SOBRE NÓS



QUEM É ROZÂNIA MAGALHÃES?

Professora do curso de Licenciatura em Letras e de Redação no Ensino Fundamental II
Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialista em Linguística aplicada à Língua Portuguesa pela UESB e mestrado (em conclusão) pelo PPGELS (UNEB - Campus VI). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade. Foi professora de Língua Portuguesa da rede estadual da Bahia por mais de uma década, já teve experiência em todos os anos de escolaridade do Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio, no Ensino Superior, em coordenação e vice direção. Atualmente, trabalho como professora do curso de Letras - UNEB, Campus VI - Caetité e de Redação no Colégio da Cooperativa Educacional de Caetité - (COOPEC). Ao longo do meu exercício como professora, sempre busquei fomentar discussões sobre os problemas sociais nas aulas. As temáticas sobre a igualdade, respeito e valorização do outro e da diversidade estavam presentes em meu cotidiano especialmente em conformidade com os PCN. Contudo, durante o mestrado tive maior contato com as discussões sobre descolonização e decolonialidade e despertei interesse pela questão racial, infelizmente, ainda impregnada em nossa sociedade. Dessa forma, tenho buscado cada vez mais conhecimentos sobre a prática voltada para a educação das relações étnico-raciais visando construir cotidianamente uma sociedade de melhor.

E-mail: rozaniamagalhaes@gmail.com



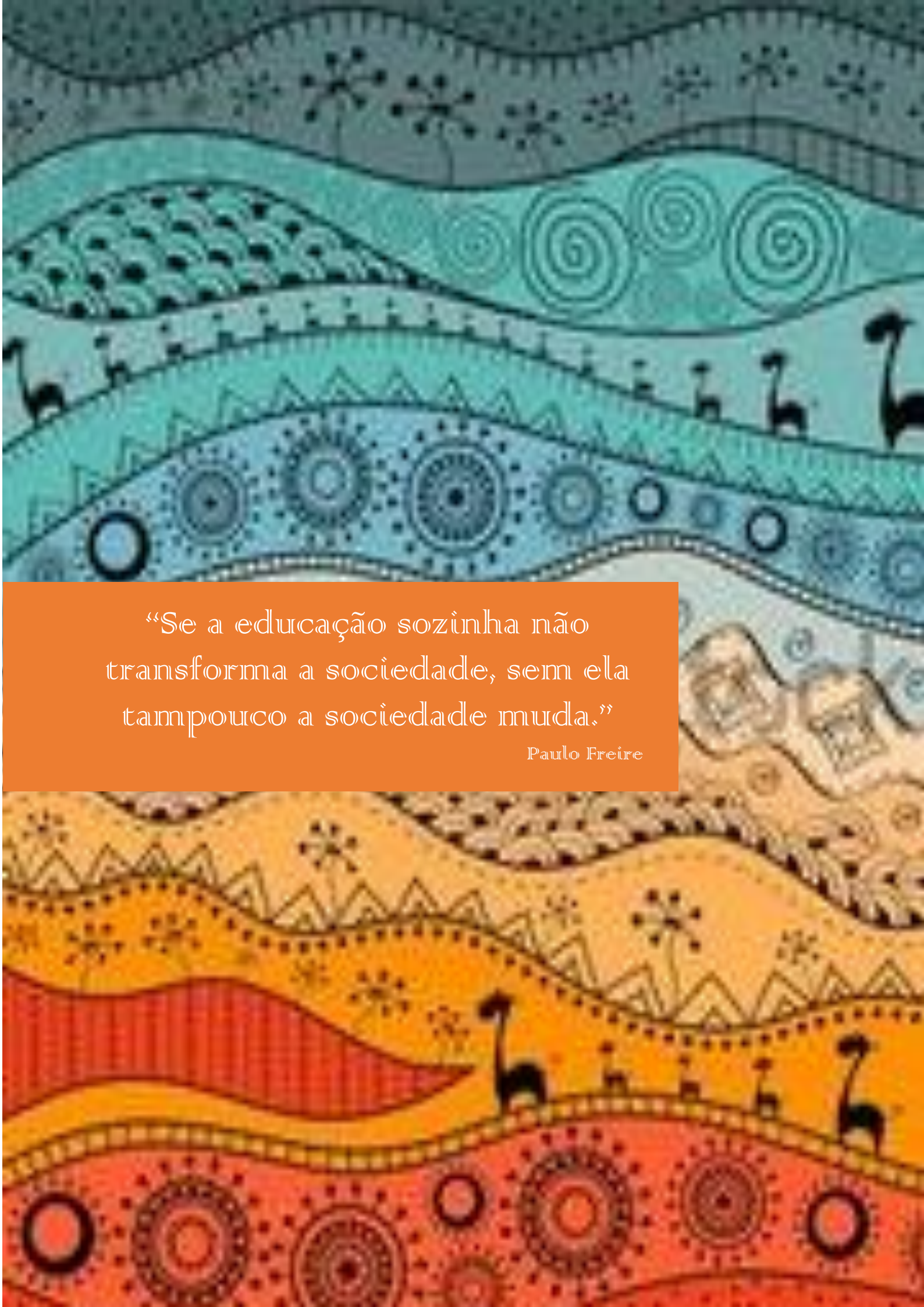
QUEM É ZORAIDE PORTELA SILVA?

Professora do curso de Licenciatura em Letras e do PPGELS da UNEB, Campus VI

Graduada em Letras com Inglês pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Doutorado em Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas (DCH/VI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desde 1995, no Colegiado de Letras; docente permanente do Programa de Pós-graduação - Mestrado - em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da UNEB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL). Experiência na área de Letras, com ênfase nas Literaturas de Língua Portuguesa, especialmente a brasileira e a africana. Pesquisadora na área de literaturas africanas de língua portuguesa com ênfase em Angola, orienta-se pelas linhas de pesquisa: Literatura Comparada; Literatura e Sociedade; Literatura e Ensino (com consonância com as Leis 10.639/03 e 11.645/08). Atualmente privilegia enfoques críticos sobre o comparativismo entre Angola e Moçambique (Séculos XX e XXI); Relações entre Cultura e Literatura afro-brasileira; Relações entre memória e guerra; Escrita; Identidade e Alteridade.

E-mail: zoraideportelas@gmail.com





“Se a educação sozinha não
transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire